

**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**Cap Inf RAONI REIS COGO**

**A CONQUISTA DE MONTESE E SUA INFLUÊNCIA NA DOUTRINA DE COMBATE À  
LOCALIDADE DO EXÉRCITO BRASILEIRO.**

**Rio de Janeiro**

**2019**

# ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf RAONI REIS COGO

## A CONQUISTA DE MONTESE E SUA INFLUÊNCIA NA DOUTRINA DE COMBATE À LOCALIDADE DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
como requisito parcial para a obtenção do  
Grau de Mestre em Ciências Militares.

Orientador: TC Sérgio Luiz Augusto de  
**Andrade** de Almeida

Rio de Janeiro

2019

**RAONI REIS COGO**

**A CONQUISTA DE MONTESE E SUA INFLUÊNCIA NA DOCTRINA DE  
COMBATE À LOCALIDADE DO EXÉRCITO BRASILEIRO.**

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais  
como requisito parcial para a obtenção do  
Grau de Mestre em Ciências Militares.

Aprovado em 30 de outubro de 2019

**Banca Examinadora:**

**JÚLIO CÉSAR DE SALES**, Cel  
Doutor em Ciências Militares  
Presidente/ EsAO

**ANDRÉ CÉZAR SIQUEIRA**, Cel  
Doutor em Ciências Militares  
1º Membro/ EsAO

**SÉRGIO LUIZ AUGUSTO DE ANDRADE DE ALMEIDA**, TC  
Doutor em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia  
2º Membro (orientador) / EsAO

## RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de contribuir para a compreensão da Batalha de Montese, transcorrida durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e sua influência no combate à localidade desenvolvido pelo Exército Brasileiro. O combate em ambiente urbano está bastante presente nos conflitos atuais, porém sua prática não é novidade. Já na Segunda Guerra Mundial diversas batalhas foram desenvolvidas neste tipo de ambiente operacional, sendo que a Batalha de Stalingrado (17 de julho de 1942 - 2 de fevereiro de 1943) e a Batalha de Berlim (1945) são consideradas decisivas para o desfecho da guerra. Para os Soldados brasileiros que atuaram na Itália o cenário não foi diferente, os pracinhas liberaram muitas cidades ao longo de sua epopeia pelas montanhas italianas. Dentre as localidades liberadas destaca-se Montese, onde ocorreu o combate mais sangrento praticado pela Força Expedicionária Brasileira, que resultou no domínio do Maciço de Montese e permitiu o avanço das tropas Aliadas sobre o Vale do Rio Pó. Esta dissertação foi desenvolvida nos anos de 2018 a 2019 e utilizou-se de pesquisa bibliográfica e documental.

**Palavras-Chave:** 2ª Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira. Batalha de Montese. Combate em ambiente urbano.

## ABSTRACT

The present study aims to contribute to the understanding of the Battle of Montese, which occurred during the Brazilian participation in World War II (1939-1945), and its influence in fighting the locality developed by the Brazilian Army. The fight in the urban environment is very present in the current conflicts, but its practice is nothing new. Already in World War II several battles were developed in this type of operating environment, being the Battle of Stalingrad (July 17, 1942 – february 2, 1943) and the Battle of Berlin (1945) decisive for the outcome of the war. For the Brazilian Soldiers who worked in Italy the scenario was not different, the “pracinhas” released many cities throughout its epic journey by the Italian mountains. Among the liberated locations is the conquest of Montese, the bloodiest combat practiced by the Brazilian Expeditionary Force, which resulted in the domination of the Montese’s Massif and allowed the advance of the Allied troops over the Po Valley. This dissertation was developed in the years 2018 to 2019 and was used bibliographical and documentary research.

**Keywords:** World War II. Brazilian Expeditionary Force. Battle of Montese. Combat in an urban environment.

À minha esposa Mônica e a minha filha Larissa por todo apoio e dedicação prestado à execução desse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao TC Andrade, pelas orientações constantes e ao apoio prestando durante toda execução desse projeto.

À minha esposa, minha companheira, que sempre me incentivou e apoiou na busca do meu aperfeiçoamento.

À minha mãe, meu exemplo, por toda educação e por sempre me conduzir no caminho da retidão.

Às minhas irmãs, que sempre me incentivaram a nunca parar de estudar.

Aos companheiros, que contribuíram com orientações e apoio.

Ao Cap Mauro, do AHEx, pelo apoio prestado durante as pesquisas realizadas nesse estabelecimento.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Relação de navios brasileiros afundados.....	24
Imagem 1 – Acampamento nas proximidades de Pisa.....	34
Imagem 2 – Instrução de tiro com a <i>bazooka</i> .....	35
Imagem 3 – 2ª fase da ofensiva da primavera.....	38
Imagem 4 – Ofensiva da primavera.....	40
Imagem 5 – Dispositivo inicial da 1ª DIE para o ataque a Montese.....	42
Imagem 6 – Esquema de manobra do 11º RI.....	45
Imagem 7 – Blindado leve M3 Stuart.....	47
Imagem 8 – Esquema de manobra do II/11º RI.....	52
Imagem 9 – Situação final do II/11º RI nos dia 14 e 15.....	54
Imagem 10 - Esquema de manobra de um batalhão no investimento.....	66



## LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

Bda	Brigada
Btl	Batalhão
Cia	Companhia
Cmt	Comandante
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
EM	Estado Maior
EB	Exército Brasileiro
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FT	Força-Tarefa
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
LP	Linha de Partida
ONU	Organização das Nações Unidas
P Cot	Ponto Cotado
Pel	Pelotão
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civas
QG	Quartel General
RI	Regimento de Infantaria
RM	Região Militar
TO	Teatro de Operações
TTP	Técnica, Tática e Procedimento

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1	PROBLEMA .....	13
1.1.1	Antecedentes do Problema .....	13
1.1.2	Formulação do Problema .....	14
1.2	QUESTÕES DE ESTUDO.....	14
1.3	OBJETIVO .....	15
1.3.1	Objetivo Geral .....	15
1.3.2	Objetivos Específicos .....	15
1.4	JUSTIFICATIVAS.....	16
1.5	CONTRIBUIÇÕES .....	16
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	18
2.1	OBJETO FORMAL DE ESTUDO.....	18
2.2	DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	18
2.2.1	Procedimentos para a revisão da literatura .....	19
2.2.2	Instrumentos .....	20
2.2.3	Procedimentos metodológicos.....	20
2.2.4	Análise dos Dados .....	21
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	22
3.1	DECLARAÇÃO DE GUERRA AOS PAÍSES DO EIXO.....	22
3.2	ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA FEB.....	25
3.3	PREPARO E ADESTRAMENTO.....	30
3.3.1	Instrução no Brasil.....	31
3.3.2	Instrução na Itália .....	33

3.4	OFENSIVA DA PRIMAVERA .....	36
3.5	A BATALHA DE MONTESE .....	41
3.5.1	A Missão da 1ª DIE .....	41
3.5.2	O Inimigo.....	43
3.5.3	As operações do dia 14 de abril de 1945 – a conquista de Montese .....	45
3.5.4	A Missão do 11º RI.....	46
3.5.4.1	As ações do I/11º RI.....	48
3.5.4.2	As ações do III/11º RI.....	51
3.5.5	As operações no dia 15 de abril de 1945 .....	54
3.5.6	O final da Batalha de Montese .....	55
3.6	O COMBATE EM ÁREA EDIFICADA.....	55
3.6.1	Características das operações em áreas edificadas.....	56
3.6.2	Operação em área edificada na Segunda Guerra Mundial .....	58
3.6.2.1	Características das operações .....	58
3.6.2.2	Forma de emprego.....	59
3.6.2.3	As Técnicas, Táticas e Procedimentos na 2ª Guerra Mundial .....	62
3.6.3	O ataque em área edificada no EB.....	64
3.6.3.1	As Técnicas, Táticas e Procedimentos nos dias atuais. ....	67
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>69</b>
4.1	A MOBILIZAÇÃO DA FEB.....	69
4.2	PREPARO E ADESTRAMENTO.....	70
4.3	A TOMADA DE MONTESE .....	71
4.4	SEGUNDA GUERRA MUNDIAL X DIAS ATUAIS .....	73
4.4.1	Características das operações em áreas edificadas.....	73
4.4.1.1	Função de Combate Inteligência.....	73
4.4.1.2	Função de Combate Movimento e Manobra.....	74

4.4.1.3	Função de Combate Comando e Controle .....	75
4.4.1.4	Função de Combate Fogos .....	76
4.4.2	As Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP).....	76
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES</b> .....	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>80</b>
	<b>GLOSSÁRIO</b> .....	<b>84</b>
	<b>APÊNDICE A – TABELA RESUMO DAS DIFERENÇAS ENCONTRADAS ENTRE O COMBATE EM ÁREA EDIFICADA EM MONTESE COM A ATUAL DOUTRINA DO EXÉRCITO BRASILEIRO</b> .....	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE B – RESUMO DAS ANALISES FEITAS</b> .....	<b>96</b>
	<b>ANEXO A – ESQUEMA DE MANOBRA DO 11º RI</b> .....	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na jornada de ontem, 14 de abril, só os brasileiros mereceram as minhas irrestritas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade. (General Crittenberger, comandante do IV Corpo-de-Exército Norte-Americano).

Nos dias atuais parece cada vez mais distante a possibilidade de um conflito armado aos moldes da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). A consolidação dos Estados Unidos da América (EUA) como potência hegemônica e a mediação da Organização das Nações Unidas (ONU) nos atritos entre os países reduziram as chances de uma guerra em larga escala. Entretanto, observamos um crescente número de conflitos regionais com participação de agentes não estatais, seja por grupos separatistas, terroristas ou narcos guerrilheiros. Esses grupos, por não possuírem, muitas vezes, capacidade de um confronto direto com as Forças Armadas dos países, optaram por adotar a cidade como seu campo de batalha (BRASIL, 2017).

No Estado Brasileiro podemos observar a crescente participação do Exército Brasileiro (EB) em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e operações de cooperação e coordenação com agências. Na última década, a Força Terrestre teve relevante participação em grandes eventos como as Olimpíadas Rio 2016, Copa do Mundo 2014, ações no complexo da Penha e Maré na cidade do Rio de Janeiro e a recente intervenção federal no estado do Rio de Janeiro. Com isso, as Forças Armadas passaram a dar grande ênfase ao adestramento para ações dessa natureza.

Juntamente a isso, tem-se o aumento do enfrentamento do crime organizado em diversas cidades do Brasil, sendo certo que essas organizações passaram a contar com verdadeiros arsenais de guerra, dominando grandes territórios urbanos. As Polícias Estaduais e o próprio Exército Brasileiro se viram engajados em uma verdadeira guerra não declarada.

Entretanto, o combate em localidades não é exclusividade dos conflitos do Século XXI. Durante a 2ª GM ocorreram importantes batalhas que se desenvolveram em grandes centros urbanos ou mesmo em pequenas localidades.

Nesse contexto, ressalta-se a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante aquele período, especificamente a Batalha de Montese, que se destaca por ser a "série dos mais árduos combates travados pelos brasileiros na Itália" (MORAES, 2014, p. 311), que se iniciou em 14 de abril de 1945 e transcorreu por quatro dias sucessivos, de 14 a 17, culminando com a tomada do maciço de Montese.

Isso posto, esse estudo pretende analisar as ações realizadas pela FEB na conquista da cidade de Montese, com ênfase no desempenho dos Soldados no que tange ao combate urbano e ao Ataque à Localidade, concluindo qual a relação com a doutrina atual empregada pelo Exército Brasileiro.

Portanto, o estudo e o aperfeiçoamento das ações centradas nas localidades são de suma importância para que as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) evoluam de forma a permitir às nossas Forças novas capacidades para atuarem no ambiente operacional moderno.

## 1.1 PROBLEMA

Para a realização de um estudo coerente e capaz de trazer contribuições úteis ao EB, calcado na metodologia científica, faz-se necessário a definição do problema para o qual será buscada a solução mais significativa. Portanto, será apresentado, a seguir, como se chegou à definição deste problema.

### 1.1.1 Antecedentes do Problema

No dia 22 de agosto de 1942, após uma série de ataques submarinos contra embarcações brasileiras, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo. Após esse fato, o país iniciou sua participação efetiva na Segunda Guerra Mundial (FAUSTO, 1998).

Em decorrência disso, a aliança do Brasil com os Estados Unidos se fortaleceu, aumentando a cooperação. Os líderes militares da época, buscando tirar proveito disso para modernizar as Forças Armadas Brasileiras, propuseram o envio de uma

força expedicionária para lutar ao lado dos Aliados (BRANCO, 1960). Como resultado dessa intenção, em 9 de agosto de 1943, foi criada a Força Expedicionária Brasileira.

A partir desse dia, o caminho percorrido pela FEB foi de muita dificuldade. Diversas foram as batalhas lutadas e as posições conquistadas nos campos italianos.

Dentre essas conquistas, a Batalha de Montese possui grande relevância. Foi o combate mais sangrento dos brasileiros na Itália e o primeiro a ser praticado em ambiente edificado (MORAES, 2014)

Nos dias atuais, existe grande perspectiva de atuação das forças militares nesse tipo de ambiente, tendo em vista o aumento dos conflitos em áreas urbanizadas. Portanto é de grande relevância o estudo do seu preparo e emprego para atuar nessas ocasiões.

### 1.1.2 Formulação do Problema

O pesquisador pretende analisar a participação da FEB na Batalha de Montese, com ênfase na tomada da cidade de Montese. Nesse contexto, evidenciaremos a mobilização e a preparação das tropas brasileiras para atuarem em um ataque a localidade. Pesquisaremos como se sucedeu a manobra e como eram as técnicas táticas e os procedimentos nesse tipo de operação, comparando com o que é praticado nos dias atuais. Concluiremos, estabelecendo quais foram os ensinamentos resultantes dessa batalha.

Em que medida os ensinamentos colhidos na conquista de Montese influenciaram a doutrina de operações em áreas edificadas em vigor no Exército Brasileiro?

## 1.2 QUESTÕES DE ESTUDO

Algumas questões de estudo podem ser formuladas no entorno deste questionamento:

- a. Quais os antecedentes que levaram o Brasil a declarar guerra aos países do Eixo?
- b. Como foi a mobilização da FEB?

- c. Como foi a preparação e o adestramento das tropas brasileiras?
- d. Como se desenvolveu a Batalha de Montese?
- e. Como se desenvolveu a tomada da localidade de Montese?
- f. Como se desenvolvia o combate à localidade pelo Exército Americano?
- g. Como é a doutrina de combate em área edificada do Exército Brasileiro?

As respostas aos questionamentos anteriores apresentados balizarão o presente trabalho, a fim de elucidar de uma maneira mais didática o presente problema apresentado.

### 1.3 OBJETIVO

A fim de responder aos questionamentos propostos, o presente estudo foi dividido em objetivos geral e específico, os quais serão expostos a seguir e conduzirão os trabalhos na direção proposta.

#### 1.3.1 Objetivo Geral

A fim de compreender a atuação das tropas brasileiras na Batalha de Montese, especificamente na tomada da vila de Montese, o presente trabalho tem por objetivo: da análise da atuação da FEB na tomada de Montese; verificar como foi praticado o combate à localidade nessa oportunidade e quais as técnicas, táticas e procedimentos empregadas; e realizar uma comparação com o que é ensinado atualmente, buscando concluir em que medida isso influenciou a doutrina militar brasileira no que tange ao combate em área edificada.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

A fim de viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo ora apresentado, foram formulados os objetivos específicos a seguir relacionados, os quais permitirão o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a. Descrever os fatos e motivos que levaram o Brasil a declarar guerra contra o Eixo;
- b. Analisar o adestramento das tropas brasileiras antes e durante o emprego no Teatro de Operações da Itália;



- c. Descrever a Batalha de Montese;
- d. Descrever a doutrina de combate à localidade do Exército dos Estados Unidos da América;
- e. Concluir acerca dos objetivos alcançados pelos pracinhas durante a conquista de Montese;
- f. Analisar as contribuições resultantes deste combate para as TTP de combate em área edificada dentro do Exército.

#### 1.4 JUSTIFICATIVAS

Desde o surgimento das primeiras civilizações, sempre foi uma necessidade do homem registrar e resguardar aquilo que era de interesse comum, preservando os valores culturais e materiais daquela sociedade. As Forças Armadas, muitas vezes, são as guardiãs desses valores e tradições e seus feitos são objeto de estudo da história militar (SAVIAN e LACERDA, 2009). A Batalha de Montese foi o combate mais sangrento dos pracinhas na Segunda Guerra Mundial, lembrar seus feitos e reviver suas memórias

A criação da FEB e o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos (1942) foi responsável por diversas mudanças no Exército. Há diversos livros, artigos científicos, teses e dissertações a esse respeito. Contudo, diante da escassez de estudos específicos sobre o combate à localidade praticado pelos pracinhas e, em decorrência do contato diário com o tema durante atuação deste pesquisador no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha, imperiosa foi a necessidade de debruçar-se mais detidamente sobre o tema. Assim surgiu o interesse por esta pesquisa.

Diante do exposto acima, e com o combate urbano cada vez mais presente nos cenários internacional e nacional, o presente trabalho reveste-se de extrema importância. Analisou-se a Batalha de Montese dentro do contexto da Ofensiva da Primavera e quais evoluções posteriores foram observadas no que tange a doutrina brasileira de combate em área edificada.

#### 1.5 CONTRIBUIÇÕES

O presente trabalho torna-se relevante porque pretende abordar a atuação das tropas brasileiras nos campos de batalha italianos. Lembrar e enaltecer a memória

dos pracinhas brasileiros, verdadeiros heróis nacionais que lutaram pelos ideais de democracia e liberdade, será sempre importante.

Dentro desse contexto, a Batalha de Montese se destaca no rol das vitórias alcançadas durante a epopeia brasileira. Essa vitória abriu caminho para a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã e conseqüentemente o fim dos combates naquele teatro de operações.

No âmbito dessa Batalha, a tomada da Vila de Montese foi a mais marcante. A forma de combate travado de casa em casa ainda era pouco conhecido dos brasileiros, que tiveram de improvisar para alcançar o sucesso ao final daquela jornada.

Além disso, a evolução do combate moderno aumentou ainda mais a incidência de combates realizados em localidades, assim como o frequente emprego do Exército Brasileiro em operações de garantia da lei e da ordem (GLO) e operações de cooperação e coordenação com agências, que se desenvolvem nos principais centros urbanos.

Ao final do estudo, tivemos uma análise de como foi praticado o combate à localidade na Batalha de Montese, comparando com a forma com que é empregado atualmente, concluindo sobre a sua importância para a evolução da doutrina vigente.

Por fim, o estudo da história militar se mostra necessária para as gerações atuais, pois, além de cultuar os feitos de nossos antepassados, serve de ensinamento para a evolução do conhecimento militar.

## 2 METODOLOGIA

Nesta seção apresentaremos a metodologia que será desenvolvida para solucionar o problema apresentado, detalhando os critérios, estratégias e instrumentos a serem adotados no decorrer da pesquisa.

A presente metodologia está dividida em: objeto formal de estudo e delineamento da pesquisa.

### 2.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

O presente trabalho visa identificar como se deu a formação da Força Expedicionária Brasileira, bem como a sua preparação e adestramento para o combate, com a finalidade de fazer um estudo sobre a Batalha de Montese e concluir a respeito de suas influências para a doutrina atual de combate à localidade do Exército Brasileiro.

### 2.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Quanto à natureza, o trabalho será desenvolvido como uma pesquisa básica ou pura, conforme definido por Rodrigues (2006, p. 36), "objetiva a produção de novos conhecimentos, úteis para o avanço da ciência, sem uma aplicação prática prevista inicialmente. Envolve verdades e interesses universais".

No que tange à abordagem do problema, será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, em que o mundo real e o subjetivo não podem ser traduzidos em números, de modo que não requer o uso de métodos estatísticos. (RODRIGUES, 2006, p. 36).

Com relação aos objetivos gerais, este trabalho conduzirá uma pesquisa descritiva, pois visa relatar características e estabelecer relação entre variáveis. É utilizada para aumentar os conhecimentos sobre um problema, obtendo, desta maneira, uma visão mais completa (RODRIGUES, 2006, p 37).

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizaremos a pesquisa bibliográfica e a documental, tendo em vista que a "pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos, pois não há outra maneira de conhecer os fatos do passado se não com base em dados bibliográficos" (RODRIGUES, 2006, p 37).

### 2.2.1 Procedimentos para a revisão da literatura

Conforme já apresentado no delineamento da pesquisa, este estudo se desenvolverá como uma pesquisa descritiva qualitativa, realizada a partir de pesquisa bibliográfica e documental.

A utilização do método bibliográfico permite ao pesquisador cobrir uma gama muito mais ampla de fenômenos do que seria possível ao pesquisar diretamente, principalmente por que solucionar o problema da pesquisa requer analisar dados muito dispersos pelo espaço (RODRIGUES, 2006).

A pesquisa documental assemelha-se à bibliográfica, adotando os mesmos procedimentos na coleta de dados. Mas, diferem-se essencialmente no tipo de fonte utilizada: a documental utiliza fontes primárias (documentos oficiais, contratos, boletins internos de Unidades Militares etc.) e a bibliográfica utiliza fontes secundárias (livros, revistas, jornais, monografias, teses etc.) (AMAN, 2008).

Quando utilizamos a fonte documental, tem-se a vantagem dela ser rica e estável. Contudo, cresce de importância a análise crítica do pesquisador, uma vez que, nem sempre, podemos comprovar a autenticidade e o valor histórico dos documentos encontrados (AMAN, 2008).

Para a busca de literatura, utilizaram-se as seguintes fontes:

#### a. Fontes de busca:

- Monografias da base de dados do Centro de Doutrina do Exército;
- Livros acerca da temática envolvida;
- Biblioteca do 11º Batalhão de Infantaria de Montanha;
- Artigos científicos das bases de dados da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e de Instituições de Ensino Superior.

#### b. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicos

Utilizaram-se os seguintes descritores: "Força Expedicionária Brasileira", "Batalha de Montese", "Montese", "Ofensiva da Primavera", "combate à localidade", "combate urbano", "Segunda Guerra Mundial" "manuais da Segunda Guerra Mundial" e seus correspondentes em inglês.

### 2.2.2 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e documental.

Segundo Rodrigues (2006) a pesquisa bibliográfica se faz necessário, por “permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Portanto, A pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos, pois não há “outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

A pesquisa documental é empregada quando há algum documento que ainda não foi analisado ou, caso já o tenha sido, podem ser incluídos e verificados devido a sua importância documental (RODRIGUES, 2006).

Poderão ser realizadas, também, entrevistas com os ex-combatentes da FEB para investigação a respeito do seu preparo para o combate em localidade, bem como com especialistas detentores de notório saber na área da história militar.

### 2.2.3 Procedimentos metodológicos

O Presente trabalho seguirá o seguinte protocolo:

- Levantamento bibliográfico preliminar;
- elaboração do plano provisório de assunto;
- busca das fontes;
- leitura do material;
- fichamento;
- organização lógica do assunto.

A seguir, apresentam-se os critérios de inclusão e exclusão das fontes bibliográficas:

#### a. Critérios de inclusão:

- Estudos publicados em português e inglês, relacionados com a FEB e com a 2ª Guerra Mundial;
- Estudos publicados de 1944 a 2019;
- Estudos qualitativos que descrevem a FEB;

- Estudos qualitativos sobre o combate em ambiente urbano;
- Estudos que abordam o combate à localidade no Exército dos EUA.

**b. Critérios de exclusão:**

- Estudos que abordam a FEB sem citar o desenvolvimento da Batalha de Montese.

#### 2.2.4 Análise dos Dados

Como o trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica e documental, não foram utilizados métodos estatísticos de análise de dados. Foram feitas apenas comparações entre os diferentes autores e diferentes formas de combate à localidade, bem como análise subjetiva da bibliografia e documentos primários obtidos.

A apresentação dos resultados será feita através de texto descritivo.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura foi realizada com o objetivo de reunir informações, de forma sucinta, a respeito da FEB, dentro daquilo que é pertinente ao trabalho proposto.

Para melhor compreender os fatos, tal capítulo foi dividido em sete tópicos: a declaração de guerra aos países do Eixo, Organização e mobilização da FEB, O preparo e adestramento, Operações da FEB na Itália, a Ofensiva da Primavera, A Batalha de Montese e o combate em área edificada no Exército Brasileiro - tudo com o intuito de buscar conhecimento e reunir condições para sanar o problema identificado.

#### 3.1 DECLARAÇÃO DE GUERRA AOS PAÍSES DO EIXO

O Brasil, no ano que se iniciou o conflito, vivia sob a ditadura do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas (1882-1954). Apesar de ser um governo autoritário de viés populista, o que pressupunha uma maior aproximação com os países do Eixo, o governo brasileiro adotava uma orientação pragmática no modo de conduzir sua política externa. Os negócios eram realizados com aqueles que oferecessem melhores condições, procurando obter vantagens da rivalidade entre as grandes potências (FAUSTO, 1998).

Na década de 1930 houve uma crescente participação da Alemanha no comércio exterior do Brasil. As importações brasileiras junto aos alemães chegaram a casa dos 25%, superando, em alguns períodos, as importações realizadas com os EUA. O país buscava se modernizar e os alemães acenaram sempre com a possibilidade de romper com a linha tradicional de negociação (FAUSTO, 1988).

Vale destacar que nesse período, baseado em estudos do Estado-Maior do Exército sobre a Guerra do Chaco (1932-1935), verificou-se uma necessidade de reorganização e rearmamento do Exército. A melhor opção para a resolução dessa questão seria o desenvolvimento da indústria bélica nacional, porém esse objetivo ainda estava longe de ser alcançado. A alternativa encontrada seria a compra de armas na Europa (MCCANN, 2009).

Portanto, nesse contexto, considerando que o Exército já empregava velhos canhões Krupp, voltou-se a recorrer ao fornecimento de artilharia com a empresa

alemã, que teve o contrato obtido com apoio dos militares pró-germânicos (FAUSTO, 1988). Os armamentos deveriam ser entregues em 1937 e 1938, a eclosão da segunda guerra mundial interferiu na entrega (MCCANN, 2009).

Apesar da proximidade vivenciada, as relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha sofreram um abalo. A prisão de um agente alemão, líder do Partido Nazista no Rio Grande do Sul, no ano de 1938, forçou o embaixador da Alemanha a deixar o país (FAUSTO, 1998).

Com o início da guerra e o conseqüente bloqueio marítimo inglês, os alemães se viram obrigados a um recuo comercial na América Latina, que vinha aumentando sua participação a partir de 1934. Isto posto fez com que os Estados Unidos da América (EUA) ocupassem esse vazio, colocando em prática uma política Pan-americana. A resposta brasileira foi se aproximar do “colosso americano”, buscando extrair vantagens desse novo cenário (FAUSTO, 1998).

Nos anos seguintes ao início da guerra, o Brasil participou de diversas conferências internacionais, onde destacamos a conferência de Havana, em julho de 1940, onde foi deliberado que: “Todo atentado de Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano, será considerado como ato de agressão contra os Estados que firmaram declaração” (MORAES, 2014).

Em dezembro de 1941, o ataque a Pearl Harbor forçou a entrada dos EUA na guerra ao lado dos Aliados, forçando assim uma definição de Getúlio Vargas, que, buscando uma reequipagem econômica e militar do Brasil, declarou apoio aos americanos, rompendo de vez as relações com o Eixo em janeiro de 1942 e assinando um acordo político-militar de caráter secreto. Os navios mercantes brasileiros entravam assim na mira dos U-boats alemães (FAUSTO, 1998).

Após os acontecimentos do ano anterior, a guerra não tardou em chegar ao Brasil e ela veio pelo mar. Os países do Eixo iniciaram uma campanha submarina na costa brasileira, resultando em diversos ataques e centenas de mortos. O cargueiro Buarque foi o primeiro a ser atacado, próximo à costa dos EUA. Posteriormente ataques sistemáticos a navios brasileiros resultaram, até julho de 1942, em 15 navios atingidos com a morte de 136 pessoas. Todos os ataques realizados nesse período foram fora da costa brasileira (MONTEIRO, 2013).

Entretanto, em agosto ocorreu uma mudança de postura e os alemães passaram a atacar os navios na costa brasileira. No intervalo de uma semana seis embarcações



nacionais foram afundadas, sendo o mais comovente o caso do navio Baependi, que resultou na morte de 270 brasileiros, dentre eles, soldados do Exército que se deslocavam para o nordeste. Devido ao grande número de vítimas, só no mês de agosto chegou a 607 mortos, as fotos que estampavam os jornais com corpos nas praias da Bahia e de Sergipe e a forma como os torpedeamentos foram realizados, provocaram grande comoção nacional. Até o final da guerra 34 navios brasileiros foram afundados pela ação dos submarinos do eixo, elevando para mais de mil e quinhentos os mortos no mar (BRANCO, 1960).

Depois de seis afundamentos seguidos, o governo viu-se pressionado por movimentos populares nas ruas das principais cidades do país, que pediam uma pronta resposta aos ataques injustificáveis a navios indefesos (tabela 1). No dia 22 de agosto de 1942 o Brasil entrava de vez na 2ª GM. O primeiro passo em direção ao Teatro de Operações da Itália havia sido dado, porém um longo e difícil caminho ainda seria percorrido até que o primeiro escalão da FEB finalmente aportasse em Nápoles (FAUSTO, 1998).

**TABELA 1:** Relação de navios brasileiros afundados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)  
(continua)

Nº DE ORDEM	NAVIO	DATA DO AFUNDAMENTO
1	BUARQUE	16/02/42
2	OLINDA	18/02/42
3	CABEDELLO	14/02/42
4	ARABUTA	07/03/42
5	CAIRU	09/03/42
6	PARNAÍBA	01/05/42
7	Cmt LIRA	18/05/42
8	GONÇALVES DIAS	24/05/42
9	ALEGRETE	07/06/42
10	PEDRINHAS	26/06/42
11	TAMANDARÉ	26/04/42
12	PIAVE	28/07/42
13	BARBACENA	28/07/42
14	BAEPENDI	16/08/42
15	ARARAQUARA	16/08/42
16	ANÍBAL BENÉVOLO	16/08/42
17	ITAGIBA	17/08/42
18	ARARA	17/08/42
19	JACIRA	19/08/42
20	OSÓRIO	27/09/42

Fonte: BRANCO (1960)

**TABELA 1:** Relação de navios brasileiros afundados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)  
(conclusão)

Nº DE ORDEM	NAVIO	DATA DO AFUNDAMENTO
21	LAGES	27/09/42
22	ANTÔNIO	28/09/42
23	PORTO ALEGRE	03/11/42
24	APOLOIDE	22/11/42
25	BRASILOIDE	18/02/43
26	AFONSO PENA	02/03/43
27	TUTOIA	30/06/43
28	PELOTAS LOIDE	04/07/43
29	BAGÉ	31/07/43
30	ITAPAGE	26/09/43
31	CAMPOS	23/10/43
32	VITAL DE OLIVEIRA	30/07/44
33	CAMAQUÃ	20/07/44
34	CRUZADOR BAÍA	04/07/45

Fonte: BRANCO (1960)

### 3.2 ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO DA FEB

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos Aliados até aquele momento da guerra, a decisão de enviar uma tropa expedicionária não nasceu de uma obrigatoriedade imposta pelos americanos, pelo contrário, consistiu de uma decisão do governo brasileiro (FAUSTO, 1998).

Porém, até o final de 1942, a principal preocupação do Brasil ainda era a ameaça que a presença das tropas do Eixo no Norte da África representava sobre uma possível invasão no Nordeste brasileiro. Portanto, para um país com um Exército onde o efetivo beirava os 60 mil homens, o envio de tropas para a Europa ainda permaneceria no papel (BRANCO, 1960).

As primeiras conversas sobre o assunto surgiram em fevereiro de 1943, durante um encontro na cidade de Natal (RN), entre os presidentes Getúlio Vargas e Frankling Roosevelt (1882-1945) dos Estados Unidos. Entretanto, o governante brasileiro condicionou o envio de tropas ao reaparelhamento das Forças Armadas. No mês seguinte, o Ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra (1883-1974),

sugeriu a criação de uma força expedicionária, que juntamente com as tropas que realizavam a defesa do Brasil, deveria receber todo material bélico dos EUA (MOREIRA, Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>> acesso em: julho de 2019).

Corroborando com essa ideia, Maximiano e Bonalume (2011) afirmam que a FEB foi inicialmente concebida como uma forma que as lideranças militares brasileiras viram de obter modernos equipamentos bélicos, adquirir experiência em combate e, juntamente, assegurar no pós-guerra uma posição de destaque, como aliado dos EUA, na condução do hemisfério ocidental. Portanto, o Brasil buscava obter maiores vantagens no acordo de *Lend-Lease* assinado em 1942, que estava reequipando, prioritariamente, a Marinha e a Força Aérea no combate as forças do Eixo no Atlântico Sul.

Contudo, as condições ideais somente surgiram em maio de 1943. Nessa data as tropas alemãs situadas no norte da África se renderam, encerrando os quase três anos de combate pelo domínio da região. Consequentemente, a derrota das tropas do Eixo praticamente inviabilizou a ameaça de um desembarque inimigo no litoral brasileiro, abrindo caminho para que o governo mobiliza-se uma força expedicionária destinada a combater em outros locais. A decisão materializou-se pela portaria ministerial nº 47-44 assinada a 9 de agosto de 1943, ordenando a criação da FEB, sendo o seu comando atribuído ao então General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes (1883-1968), comandante da 2ª Região Militar em São Paulo (MORAES, 2014).

De acordo com a essa portaria, a FEB foi assim constituída: 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e de Órgãos Não divisionários, que ficavam dispostos em grande profundidade e cuidavam, principalmente, da parte administrativa.

1) Elementos da 1ª DIE:

- a) Comandante, general de divisão;
- b) Quartel-general (QG), constituído do Estado-Maior Geral, Estado-Maior Especial, Tropa Especial (Comando do QG e da Tropa Especial, Destacamento de Saúde, Cia do QG, Cia de Manutenção, Cia de Intendência, Pel de Sepultamento, Pel de Polícia e Banda de Música);

- c) Infantaria divisionária com seu comandante, general de brigada, e três regimentos de infantaria (1º RI, 6º RI e 11º RI);
  - d) Artilharia divisionária com seu comandante, general de brigada, e quatro grupos de artilharia (três de calibre 105 e 1 de calibre 155);
  - e) Esquadrilha de Aviação (ligação e observação);
  - f) Batalhão de Engenharia;
  - g) Batalhão de Saúde;
  - h) Esquadrão de Reconhecimento; e
  - i) Companhia de comunicações.
- 2) Órgãos Não divisionários:
- a) Comandante da FEB, general de divisão, acumulando com o comandante da 1ª DIE;
  - b) Inspetor-geral da FEB, general de brigada;
  - c) Serviço de Saúde da FEB;
  - d) Agência do Banco do Brasil;
  - e) Pagadoria Fixa;
  - f) Seção Brasileira de Base;
  - g) Depósito de Intendência;
  - h) Serviço Postal; e
  - i) Depósito de Pessoal (destinado a adestrar a tropa e recompletar os seus quadros).

Ainda segundo orientações desse mesmo documento, algumas unidades existentes seriam aproveitadas, outras seriam modificadas e algumas outras seriam criadas. Porém, quando se analisa em termos estruturais, numerosas modificações foram necessárias, portanto, mesmo as unidades já existentes, selecionadas para compor a tropa expedicionária, tiveram grandes modificações em suas organizações. Cabe ressaltar que apesar das unidades que comporiam a 1ª DIE já estarem definidas, elas permaneceram subordinadas aos seus comandos de origem. A FEB existia, mas ainda não possuía unidade comando (MORAES, 2005).

Todavia, a participação brasileira na guerra não poderia ser considerada, naquele momento, uma expectativa recebida pela simpatia do povo. Os meses agitados de 1942, período em que o clamor de guerra era evidente com protestos nas ruas, havia ficado para trás. Os jornais acompanhavam de perto todo desdobramento e a cada revés ou dificuldade, os mordazes críticos à participação

na guerra produziam novas piadas. Com isso, o Cmt da FEB vislumbrou grandes dificuldades para organizar e preparar uma força expedicionária (FERNANDES, 2011).

Inicialmente, esses problemas surgiram no âmbito político, com a atuação de auxiliares imediatos do presidente Vargas, que, aparentemente, eram contrários à participação brasileira ao lado dos Aliados. Essas influências criavam um ambiente propício ao nazi-fascismo e causavam prejuízos à política externa do Brasil. Tal anomalia política gerou desânimo pela organização e preparo da tropa expedicionária e resultou em um país despreparado psicologicamente para o conflito que se alastrara (MORAES, 2014).

Outro problema enfrentado por ocasião da criação da FEB decorreu do fato de que ela deveria ser organizada, equipada e adestrada na doutrina de combate americana. Não obstante, antes da guerra, as Forças Armadas brasileiras encontravam-se obsoletas. O Exército apresentava uma mistura de doutrina militar francesa com armamentos de diversas origens. Contratada de 1919 a 1939, a Missão Militar Francesa buscou a modernização intelectual e material, porém, para McCann (2009), devido aos problemas internos vividos na década de 30, os objetivos nunca foram plenamente alcançados. Portanto, em 1943, o Exército era um amálgama de diversas influências. A situação mais notável era nos arsenais, onde poderia ser encontradas pistolas e revólveres americanos, fuzis Mauser alemães, fuzis automáticos checos, morteiros e obuseiros franceses e blindados italianos (MAXIMIANO e BONALUME, 2011).

Ainda, segundo Branco (1960), havia baixa disponibilidade de materiais no Exército Brasileiro no tocante a equipamentos de engenharia, transmissões, guerra química, transportes, aparelhos telegráficos, teletipos, criptógrafos, detectores de minas, etc. Materiais necessários à guerra moderna e que exigiam pessoal especialista na sua operação. Diante disso, o Exército Americano fixou como princípio primordial que o soldado possuísse alfabetização completa e perfeita integridade física. Consequentemente, devido à maioria da população brasileira ser oriunda de regiões agrícolas e subdesenvolvidas, houve grande dificuldade no recrutamento desses homens.

Estabelecidos os critérios para a organização da divisão expedicionária, foi ordenado, primeiramente, que as convocações do pessoal para compor as unidades fossem realizadas nas 1ª, 2ª, 4ª e 9ª RM, com sede no Rio de Janeiro, São Paulo,

Juiz de Fora e Campo Grande, respectivamente. A seleção do pessoal seria feita por meio de convocação individual e de voluntários, cabendo às próprias unidades que constituiriam a 1ª DIE a responsabilidade do ato. Posteriormente esses critérios foram modificados, de modo que a mobilização passou a ser feita em todo território nacional simultaneamente visando atender os voluntários de outras regiões (BRANCO, 1960).

Entretanto, para Piason (1950), o governo brasileiro havia perdido o princípio de oportunidade quando, após a declaração de guerra, dispensou grande quantidade de voluntários que se apresentaram nos corpos de tropa para qualquer missão que designassem. Isso ficou evidente posteriormente, quando um grande número de convocados não atendeu aos critérios médicos sanitários estabelecidos pelos americanos e pela grande dificuldade em encontrar os diversos especialistas necessários. Ainda segundo o autor, isso se tornou patente devido ao fato do Exército Brasileiro não se preocupar em formar reservistas com especialização técnica. Sua reserva mobilizável era composta, em grande maioria, de soldados pouco qualificados.

Todas essas dificuldades acabaram gerando um atraso na mobilização e organização dos elementos expedicionários. Um exemplo evidente ocorreu com o 6º RI sediado em Caçapava. Quando o Regimento iniciou sua mobilização contava com apenas 2300 homens em seus quadros, tendo ainda a rigorosa inspeção de saúde aberto novos claros. Sendo assim, a unidade teria a necessidade de receber mais de 2000 reservistas, dentre os quais, mais de 400 motoristas, mecânicos e elementos especializados que a nova organização exigia. A reorganização que deveria ser concluída em 60 dias só foi finalizada a 27 de novembro de 1944, 108 dias após a assinatura da portaria de criação da FEB (BRASIL, 1945c).

Situação similar enfrentou o comandante do 11º RI, situado em São João Del-Rei no interior do estado de Minas Gerais. O Regimento possuía, em tempo de paz, um efetivo de 1200 homens e deveria chegar até 4000 – efetivo do regimento americano. Sua tarefa era prejudicada, principalmente, pois muitos dos que se apresentavam eram oriundos do interior e não possuíam a educação ou a compleição física adequada, levando vários meses para a organização dos novos efetivos (PALHARES, 1951).

Corroborando com essa dificuldade, Moraes (2005) nos informa que a compleição física da população era um fato de destaque na seleção do pessoal.

Apesar de resistente, o brasileiro não era robusto e experiências recentes comprovaram que a robustez física era fundamental para o bom desempenho nas ações militares contemporâneas. Porém, muitas vezes um corpo aparentemente sadio encobre um espírito fraco e muitos indivíduos franzinos e débeis agigantam-se na luta, por terem espírito forte e formação moral sólida (MORAES, 2005).

Portanto, sobre a seleção do pessoal, pode-se concluir com a definição de Moraes:

O potencial humano representa o fator crítico por excelência do esforço de guerra de um país. O homem continua sendo a arma fundamental. A guerra moderna, baseada na técnica e na especialização, exige dele qualidades físicas, intelectuais e morais, capacitando-o ao emprego judicioso do armamento e de outros engenhos bélicos. Daí a seleção minuciosa a que é submetido, transformando-o no maior patrimônio das Forças Armadas. Verdadeiro, pois, é afirmar que o povo é a grande riqueza de uma nação, nele se baseando a sua segurança e integridade. (MORAES, 2014, p 162).

Para Brayner (1968), muitas das dificuldades enfrentadas poderiam ter sido contornadas se a FEB possuísse o comando centralizado nesse período. Devido à descentralização, o Comandante e seu Estado-Maior pouco podiam fazer para auxiliar as unidades. Entretanto, foi somente em 31 de Março de 1944, com o fim da concentração de todos os integrantes na cidade do Rio de Janeiro-RJ, que a Divisão Expedicionária passou a ter existência real. O Comando passou a dispor, sem restrições, de todas as unidades.

### 3.3 PREPARO E ADESTRAMENTO

Com a adoção da organização norte-americana pelas forças brasileiras e a utilização de material de guerra completamente diferente do que estavam habituados os militares nacionais, fez-se necessário à incorporação de novos métodos de instrução (MORAES, 2005, p 33).

Portanto, visando transpor esse grande obstáculo a ser vencido, a 3ª Seção da Divisão Expedicionária estabeleceu diretivas que estabeleceram orientações gerais para a instrução da tropa. A Diretiva Geral Para a Instrução da 1ª DIE, publicada a 27 de dezembro de 1943, definiu que o adestramento realizado pela FEB seria dividido em dois períodos: o primeiro período realizado no Brasil, nas cidades de

origem das unidades e no Rio de Janeiro e um segundo período que seria realizado no Teatro de Operações da Itália (BRASIL, 1945b).

### 3.3.1 Instrução no Brasil

A instrução ministrada no Brasil em um primeiro momento foi realizada de forma descentralizada nas sedes das organizações militares, num segundo momento desenvolveu-se com as unidades centralizadas na cidade do Rio de Janeiro a partir de 31 de março de 1944, quando se encerrou a concentração da FEB nesse local.

Porém, nem todo o tempo disponível até o embarque para os campos de batalha pôde ser destinado ao preparo dos pracinhas, pois como podemos constatar em Brasil (1945b):

Nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1943, as unidades estavam absorvidas pelas medidas de recompletamento, inspeção de saúde e adaptação ao novo tipo de organização. Além disso, não havia sido ainda distribuído o armamento e material americanos, compatíveis com os quadros de efetivos mandados adotar.

A questão da ausência do material de emprego militar americano seria uma problemática durante todo o período de preparação das tropas. Conforme o acordo de “Lend-Lease” definido pelo governo brasileiro por ocasião da criação da FEB, as forças brasileiras deveriam seguir para o continente europeu desarmadas e seu material de dotação só seria entregue no primeiro local de destino (MAXIMIANO e BONALUME, 2011).

Contudo, “cinquenta por cento do material de uma Divisão de Infantaria seria entregue no Brasil, para instrução” (BRANCO, 1960). Porém, segundo Amaral (1950) o material veio em pequena quantidade e de forma insuficiente, não permitindo que todos os militares pudessem travar o contato mínimo exigido para o emprego adequado do equipamento. Ademais, os manuais que acompanhavam os materiais não estavam traduzidos, exigindo tempo extra dos poucos oficiais que falavam inglês. Portanto, nesse meio tempo, o adestramento da tropa deveria ser feito com os diversos armamentos disponíveis.

Ciente dessa dificuldade e sabendo que por conta disso seria impossível realizar a instrução de unidades constituídas, a 3ª Seção da 1ª DIE estabeleceu a



primeira diretiva de instrução que vigoraria até o fim do ano de 1943. Desta forma, estabeleceu como prioridade a verificação da instrução individual, a resistência física (treinamento físico e marchas) e o conhecimento pormenorizado das funções constantes da nova organização (BRASIL, 1945b).

No entanto, quando foi publicada A Diretiva Geral Para a Instrução da 1ª DIE, a 27 de dezembro de 1943, o enfoque da instrução passou a ser a fração constituída, ainda que sem parte do material prometido. Esse documento continha uma orientação geral e visava estabelecer condições para o nivelamento da instrução. As unidades deveriam estar com, pelo menos, o adestramento no nível subunidade completo (BRASIL, 1945b).

Segundo Brayner (1968, p. 48) as instruções consistiam basicamente em:

Colocação e remoção de um campo de minas; Transposição de um terreno minado; infiltração em terreno descoberto, sob trajetória de metralhadoras; trabalho em pista de progressão, com emprego de munição de guerra; tiro ao alvo de todas as armas; marchas de longo percurso em terreno variado; instrução física, exercícios nas pistas de obstáculos fortes.

Ainda que estabelecida a diretiva de instrução, o Estado Maior da FEB, devido à descentralização das unidades, tinha pouca ingerência sobre a condução dessas instruções. Portanto, foi só em 31 de março de 1944, quando toda divisão expedicionária foi reunida no Rio de Janeiro, que o comando teve conhecimento do verdadeiro quadro que se encontrava a tropa. A percepção foi que a diferença na qualidade do preparo era patente. As unidades e os quadros apresentavam diversos níveis de adestramento. A precariedade da instrução era evidente. A instrução básica já existia, porém a instrução de combate dependia do armamento que ainda não possuíam (BRAYNER, 1968).

Além da baixa disponibilidade dos equipamentos americanos, os problemas burocráticos tiraram muito tempo da instrução e muito tempo se perdeu com procedimentos administrativos, contribuindo ainda mais com a ineficiência do adestramento (PALHARES, 1951).

Consequentemente, por ocasião do embarque do 1º Escalão da FEB, composto em sua maioria pelos integrantes do 6º RI, a 30 de junho de 1944, a percepção para Maximiano e Bonalume (2011) foi que o período de treinamento tático foi insuficiente. Esse fato se deve, principalmente, pela forma inadequada que o Exército Brasileiro assimilou a doutrina militar francesa. “Se os princípios da

doutrina militar Francesa tivessem sido incorporados adequadamente, a subsequente absorção da forma de combate americana teria sido realizada em melhores condições e mais rapidamente”.

Corroborando com o entendimento das dificuldades encontradas durante a preparação dos pracinhas no Brasil, Cardoso (2011) reforça que:

A maior dificuldade que o General Mascarenhas de Moraes enfrentou foi, no Brasil, a de instruir o pessoal, não só pela grande diversidade de funções nas duas organizações, como também, pela diversidade do material americano, cuja existência no Brasil era deficiente para permitir uma rápida aprendizagem pela tropa.

### 3.3.2 Instrução na Itália

As primeiras tropas brasileiras que chegaram ao teatro de operações da Itália pelo porto da cidade de Nápoles logo perceberam que estavam “mal fardados, mal calçados, mal equipados e ainda por cima desarmados” (BRAYNER, 1968, p. 116). O 1º Escalão chegou no dia 16 de julho de 1944, e os dois escalões subsequentes no dia 6 de outubro do mesmo ano, continuaram seus treinamentos em solo italiano nas áreas de acampamentos para isso destinados na região (GONÇALVES, 2005).

Uma vez na Itália, os Regimentos de Infantaria receberam seus armamentos e veículos. O próximo passo seria colocar a tropa em campos de treinamento (figura 1) para que o manejo do armamento pudesse ser realizado, porém na prática, apenas o 6º RI, primeira escalão a chegar à Itália, conseguiu realizar esse treinamento de forma adequada, o restante foi empregada com seu adestramento incompleto (MAXIMIANO e BONALUME, 2011).

Visando a preparação e o constante aperfeiçoamento dos efetivos em combate, o Exército Americano havia instalado em Nápoles vários pequenos cursos, para graduados e para oficiais. “Neles se visava, particularmente, a prática na colocação e remoção de campos de minas, sua identificação no terreno, desarmamento dos diversos tipos de minas usadas pelo inimigo” (BRAYNER, 1968).

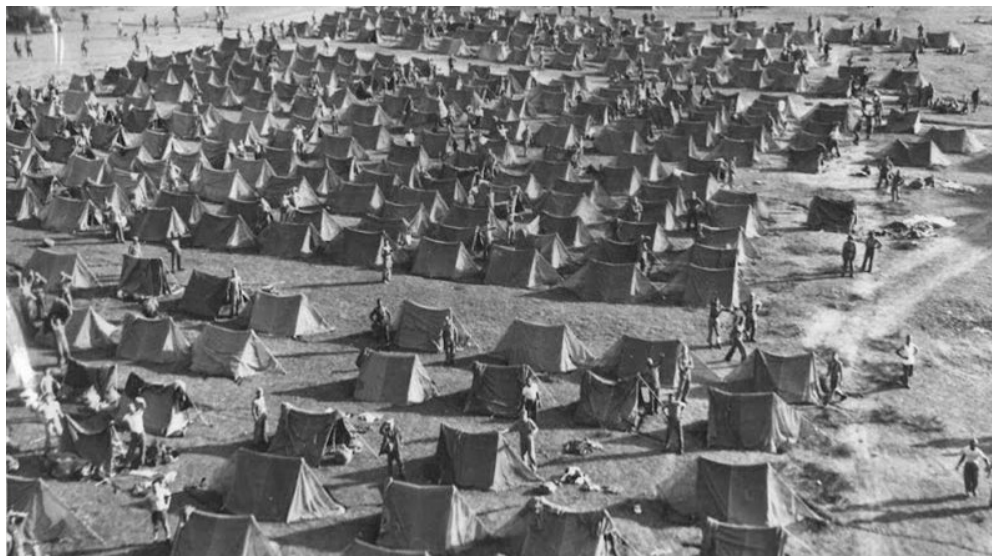


IMAGEM 1 – acampamento nas proximidades de Pisa

Fonte: disponível em <<https://grupoverdeoliva.com.br/bras-dificuldades-de-organizacao-da-feb>> Acesso em: 10 julho 2019.

No 1º Escalão concomitantemente ao adestramento da tropa e ao recebimento dos novos materiais, fez-se a preparação dos oficiais comandantes de pelotão para o emprego e liderança de suas frações. O treinamento se deu numa escola especialmente montada para isso, o Centro de Treinamento em Liderança e Combate de Santa Ágata Dei Goti, nas imediações de Caserta. Segundo relatado por Mendes (1949, p. 19), "tratava-se de uma escola tradicional que se iniciou no norte da África a fim de servir o 5º Exército, salientando que os cursos, apesar de serem rápidos, são orientados segundo os ensinamentos colhidos na presente guerra".

De acordo com Amaral (1950), a escola americana funcionava nos mesmos moldes dos centros de instrução dos Estados Unidos e, devido à falta de espaço para atender os grandes contingentes, era destinada apenas para os oficiais. Entretanto, no curso que era realizado em três semanas, os alunos passavam tanto pelas funções de comando quanto pelas funções de cabos e soldados. Os módulos de instruções incluíam a organização do exército alemão; armamento alemão; treinamento com armamento americano e demolições; marcha noturna com a bússola; leitura de cartas em terreno plano; pista de aplicações militares (trepar, rastejar e cursos de assalto); instrução de combate; instruções de tiro (com todos os armamentos inclusive *bazookas* (figura 2), granadas de fuzil e de mão e lança-

chamas); transmissões; inteligência e contrainteligência; conselhos práticos; instrução sobre caçadores; etc.



IMAGEM 2 – Instrução de tiro com a *bazooka*

Fonte: Disponível em:

<<https://jornalismodeguerra.wordpress.com/2018/03/02/cade-as-armas-feb-partiu-para-a-guerra-sem-conhecer-o-armamento-usado-no-front>> Acesso em: 10 julho 2019

Apesar da necessidade de uma melhor preparação das tropas, a redução dos efetivos do V Exército, apressou o emprego da 1ª DIE. Com isso, foi realizado um exercício na cidade de Vada nos dias 10 e 11 de setembro, cujos resultados convenceram o General Mark Clark a empregar a divisão brasileira. No dia 15 de setembro de 1944, apenas dois meses após sua chegada à Itália, o destacamento FEB recebeu sua primeira missão (MORAES, 2014).

Os próximos escalões, assim como o primeiro, também receberam todo o seu material no além-mar. Portanto, da mesma forma realizaram os treinamentos com os armamentos americanos e em combates simulados (PALHARES, 1951). Porém, fato importante foi que “o segundo escalão não recebeu carabinas .30, nem tão pouco pistolas Colt 45. Deram por troca fuzis springfield e metralhadoras de mão. O 1º e o 11º RI ficaram prejudicados na potência de fogo e na instrução da tropa” (BRAYNER, 1968, p. 178).

Corroborando com a ideia de que as condições da preparação do 2º e 3º Escalões foram ainda piores. Pontes nos da a seguinte descrição:

Logo que chegamos, tivemos que nos adaptar ao clima frio da entrada do outono e passamos a receber armamentos, munições, viaturas, fardamentos etc. Fomos incorporados ao IV Corpo de Exército, sob o comando do General Willis D. Crittenger, que integrava o V Exército dos Estados Unidos. Não houve tempo para fazermos qualquer preparação. Logo em seguida, o nosso Regimento fez uma manobra muito sucinta e superficial, para que nos colocássemos em condições de entrar em combate. Realmente, em 29 de novembro de 1944, o meu Batalhão, o I/11º RI, teve o seu batismo de fogo (PONTES, 2001, p. 52).

Como última forma de preparação na Itália, houve o adestramento durante as operações, que deveria ser canalizado para a transmissão dos ensinamentos aprendidos durante os primeiros meses de combate. Para isso, foi baixada uma Diretiva Geral nº 8 determinando que se intensificassem o treinamento de patrulha e a manutenção, no tempo e espaço, da ligação da Infantaria com a Artilharia. Igualmente intensificou o treinamento de oficiais, realizando um ativo plano de instrução. (MORAES, 2005).

### 3.4 OFENSIVA DA PRIMAVERA

A Ofensiva da Primavera foi uma operação de larga envergadura que cobriu todo norte da Itália, do Adriático ao Tirreno, dela participando todas as Forças Aliadas. Desenvolveu-se de 9 de abril a 2 de maio de 1945 e teve seu esforço principal realizado pelo IV Corpo de Exército, com o objetivo de romper as linhas alemãs e levar a vitória no Teatro de Operações da Itália (MORAES, 2014). Portanto, foi a gloriosa arrancada que conduziu os Aliados à vitória neste TO.

De modo geral a ofensiva foi planejada para transcorrer da seguinte forma:

O XV deveria lançar um ataque contra o inimigo para destruir suas forças ao sul do Pó, para atravessar o rio e capturar a cidade de Verona. Na primeira fase o VIII Exército deveria romper o Rio Santerno e juntamente com o V Exército capturar Bolonha. Em seguida os iriam cercar as tropas inimigas e atravessar o rio Pó para finalmente conquistar Verona. O V Exército lançaria o ataque principal (National Archives at College Park, apud MIKOLASHEK, 2007, p 177, tradução nossa).

As tropas do Eixo contavam com 28 divisões e uma brigada, instalados principalmente na Linha Gêngis-Cã, nas alturas ao sul de Bolonha. Os aliados

contavam com 20 divisões e 10 brigadas. Havia, portanto, uma superioridade em efetivos do inimigo.

Para MORAES (2014, p. 308), “os alemães tinham o propósito de oferecer obstinada resistência. Perdida a esperança de ganharem a guerra, resistiam estoicamente para tentar atenuar os termos da rendição incondicional que certamente lhes seria imposta”.

A fim de cumprir os objetivos gerais propostos pela Ofensiva da Primavera, a operação foi dividida em três fases, conquista de Bolonha, cercamento das tropas a sul do Rio Pó com a transposição do Rio Pó e conquista de Verona.

Na primeira fase da operação, precedendo em três dias o ataque geral, seriam realizadas na região do Vale do Rio Saturno e Santerno, algumas ações de despistamentos, a 92ª Divisão Americana atacaria a esquerda e o VIII Exército Britânico à direita. Tais ações tinham por objetivo desviar a atenção do inimigo da região Reno-Panaro e obrigá-lo a alterar o dispositivo defensivo (MORAES, 2014, p 307).

Na continuação da primeira fase, o V Exército, realizando o ataque principal, romperia a linha defensiva nos Apeninos, desembocando no vale do Rio Pó, para capturar Bolonha (imagem 3).

Prosseguindo na segunda fase os V e VIII Exércitos deveriam cercar ou flanquear as forças alemãs que ainda resistissem a sul do Rio Pó. Secundariamente, conquistar cabeças de ponte no Rio Panaro visando transpor o Pó em Ostiglia.

Na terceira e última fase as tropas aliadas transporiam o Rio Pó com a finalidade de conquistar Verona (imagem 4).

Com suas ordens em mãos, Gen Crittenberger reuniu no dia 27 de março de 1945 os comandantes das divisões que iriam compor o escalão de ataque, incluindo o Gen Mascarenhas de Moraes. Nesta reunião o comandante do IV Corpo de Exército expôs a missão recebida do escalão superior e realizou um breve estudo de situação, concluindo sobre as capacidades e possibilidades do inimigo e características do terreno.

Ao final dessa fase do planejamento chegou-se a seguinte conclusão: empregar a 10ª Divisão de Montanha ao centro, no ataque principal, a direita a 1ª Divisão Blindada, que seguiria pela Estrada 64 e a esquerda a 1ª DIE e o 371º RI mantendo suas posições defensivas e cobrindo o flanco da 10ª.

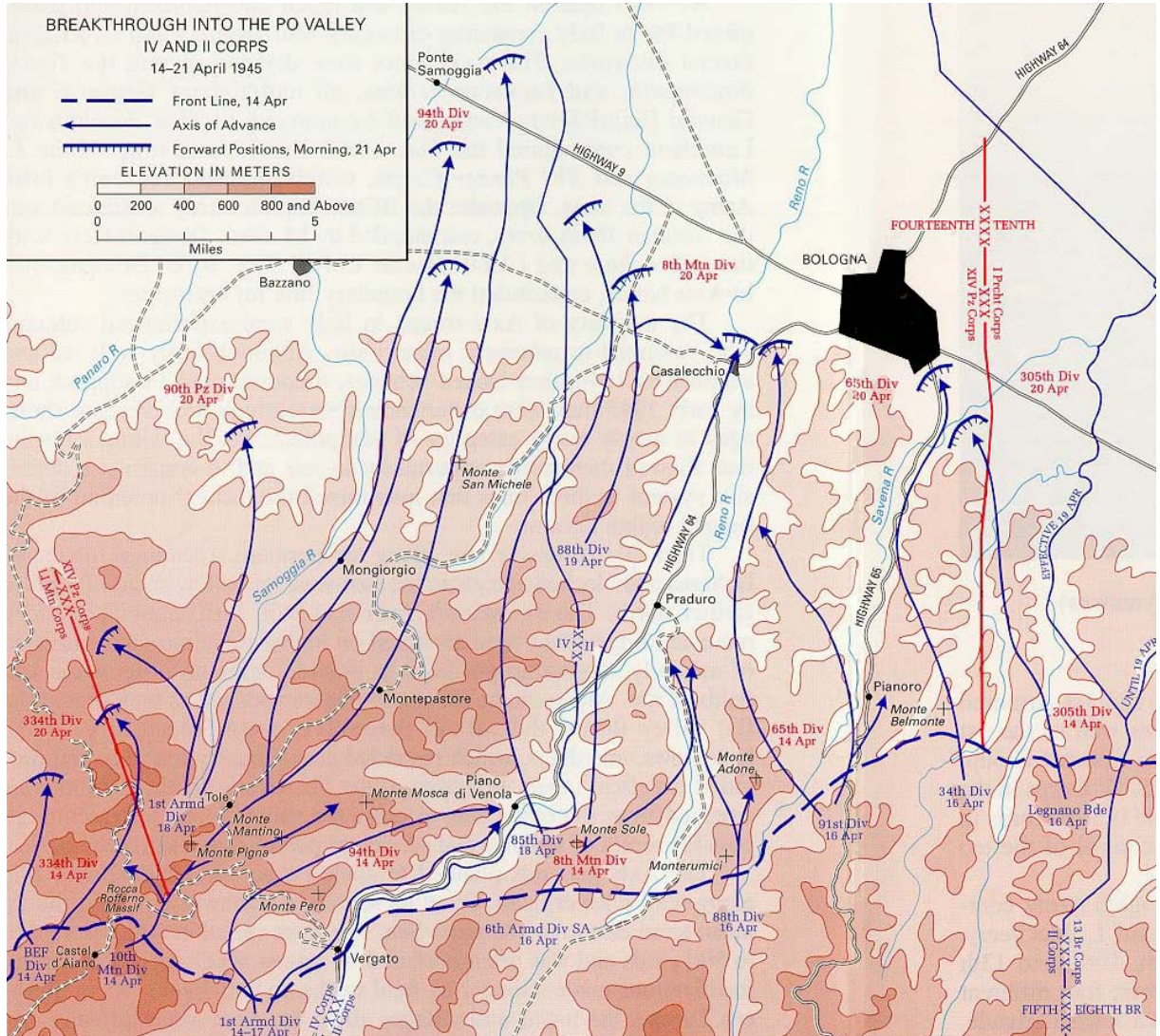


IMAGEM 3 – 2ª fase da ofensiva da primavera

Fonte – (EUA, 1995) Disponível em: <https://history.army.mil/brochures/po/map1.jpg> Acesso em: 17 julho 2019.

Na Imagem acima podemos verificar o avanço das tropas do V Exército Americano, do dia 14 a 21 de abril de 1945, durante a Ofensiva da Primavera. A linha tracejada em azul representa a linha de partida no dia 14, as setas representam a direção de ataque e a linha franjada representa as posições mais avançadas na manhã do dia 21. Durante essa fase da operação, o objetivo principal era a conquista da cidade de Bolonha.

Após a emissão das ordens pelo comandante do IV Corpo, a FEB iniciou seus preparativos para a ofensiva. As atividades de reabastecimento, reaparelhamento e manutenção passaram a ser realizados de forma intensa. Outra atividade que ganhou destaque foi o lado moral e a preparação psicológica, com a valorização dos feitos realizados em Monte Castelo, Soprassasso e Castelnuevo. Toda tropa passou a ter orgulho das vitórias alcançadas (BRAYNER, 1968).

Contudo, apesar da importância de se cobrir o ataque da divisão americana, o comandante da FEB não recebeu a missão de bom grado. Para o Coronel Floriano de Lima Brayner (1897 – 1983), então Chefe do Estado-Maior da FEB:

Ainda estavam bem quentes os êxitos alcançados com a captura de Monte Castelo, La Serra, Bela Vista, Cota 958, Soprassasso, Castelnuovo, Santa Maria Viliana. O que se pedia naquele momento, sem uma previsão específica de ataque ou de ação ofensiva pela nossa Divisão, pareceu um menosprezo (BRAYNER, 1973 apud SOUZA, 2005, p. 264).

Todavia, durante a conferência realizada no dia 8 de abril em Castellucio, oportunidade em que os chefes divisionários tiveram para explanar como realizariam as missões que lhes foram atribuídas, o Gen Hayes demonstrou certa preocupação com a segurança do seu flanco esquerdo, caracterizada pelo maciço de Montese-Montello.

Visando obter maior participação na operação que se sucederia o General Mascarenhas de Moraes, ao realizar sua exposição para o Comandante do IV Corpo, sugeriu que Montese constituísse um dos objetivos da sua ação ofensiva. Desta forma, a 10ª Divisão ficaria aliviada em suas atribuições o que lhe permitiria maior concentração de meios no eixo principal (MORAES, 2005).

O Gen Crittenberger acatou tal sugestão. Assim, ficou definido que a FEB caberia à conquista dos objetivos formados pelo triângulo Montese, Montello, Ponto Cotado (P Cot) 888 e da região de 747, posições onde o inimigo possuía ótimos observatórios sobre a 10ª Divisão de Montanha (SOUZA, 2005, p. 306).

à Divisão Brasileira coubera um lugar de relevo na ordem de batalha do V Exército nesse primeiro período de operações. Dada a situação de unidade-ala no dispositivo, ficara encarregada da segurança do flanco ocidental daquele Exército, através dos contrafortes apeninianos da área Reno-Panaresa (MORAES, 2005, p. 156).



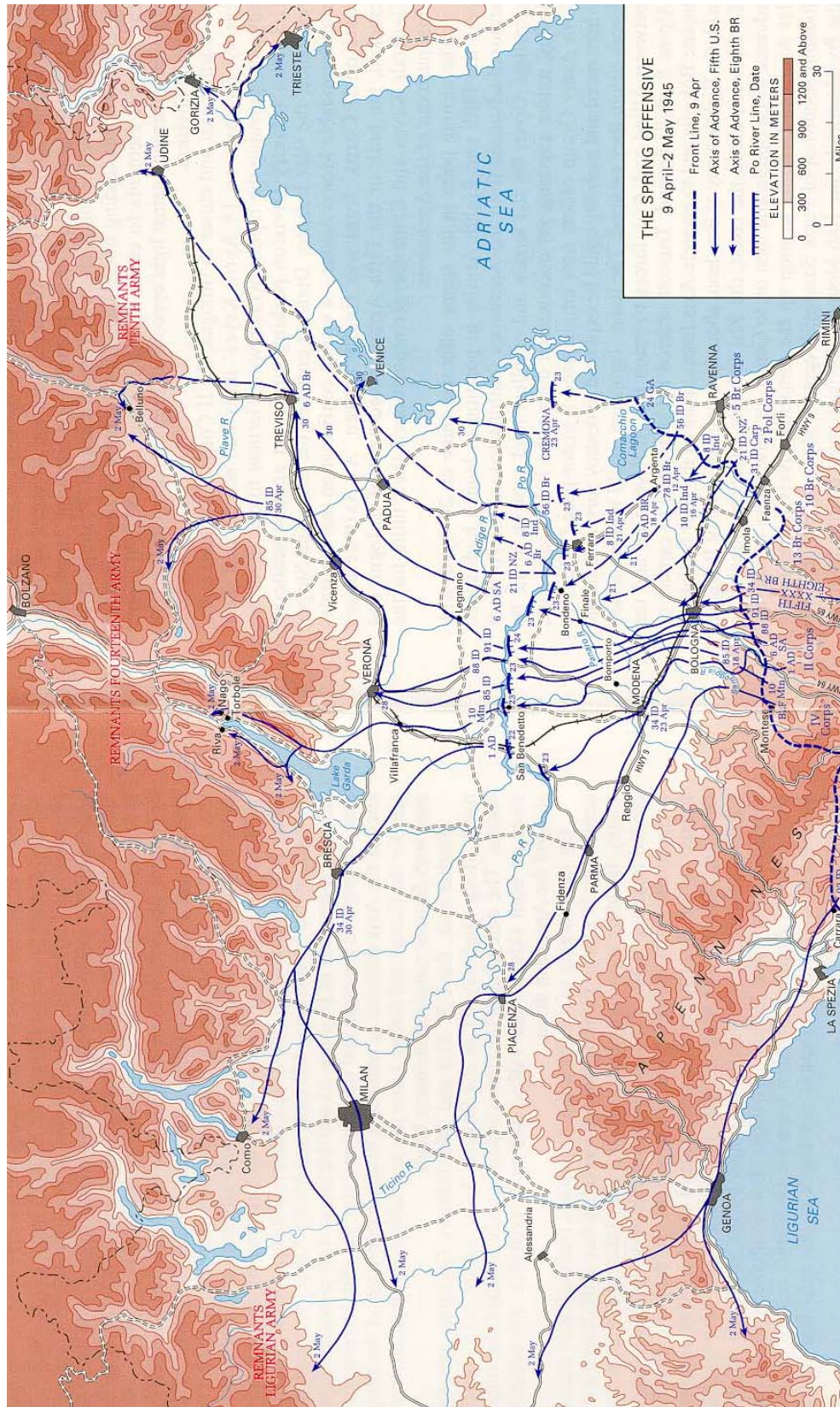


IMAGEM 4 – Ofensiva da primavera

Fonte - (EUA, 1995) Disponível em:

<<https://history.army.mil/brochures/po/map1.jpg>> Acesso em: 17 julho 2019.

Esta Imagem representa o avanço das tropas Aliadas durante a Ofensiva da Primavera desde sua base de partida nos Montes Apeninos até a rendição das tropas alemãs na Itália.

### 3.5 A BATALHA DE MONTESE

No dia 14 de abril de 1945, o IV Corpo de Exército lançou-se ao ataque com a 10ª Divisão de Montanha e a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. O ataque propriamente dito começou às 13h30min e foi precedido por intensa preparação de artilharia, contando ainda com apoio de blindados e fumígenos americanos (MORAES, 2014, p 312).

Nesta seção veremos como se desenvolveu o ataque ao maciço de Montese.

Oficiais do 11º RI brasileiro, unidade principal do assalto a Montese, conferiam atentos os planos e instruções, repassando as últimas providências. Em voz baixa, os telefonistas, confirmavam atarefados, o aprestamento dos batalhões e cobravam a posição das patrulhas que deveriam ser lançadas à frente. O ritual de última hora ia chegando ao fim. Em poucos minutos, a artilharia divisionária abria fogo, dando início ao bombardeio de Montese (FERNANDES, 2011, p. 261).

#### 3.5.1 A Missão da 1ª DIE

Após a conferência de Castellucio a missão da 1ª DIE para o início da operação passou a ser: “manter a todo custo às posições e lançar reconhecimentos agressivos, cobrindo o flanco oeste da 10ª Divisão de Montanha e estar em condições de aproveitar o êxito até o Rio PANARO” (BRASIL, 1945a).

Em consequência disso, para o início do ataque a região de Montese, a FEB ocupava a frente compreendida entre a encosta Noroeste de Monte Della Torraccia e o Monte Grande D’Aiano, tendo a esquerda a 92ª DI Norte-Americana e a direita a 10ª Divisão de Montanha.

Portanto, com base nas ordens do escalão superior, conforme descrito em Brasil (1945a), a Ordem Geral de Operações nº 33 de 13 de abril 1945 do comandante da FEB descreveu a seguinte ideia de manobra:

a) Manter as posições do Setor, com maior esforço nas regiões de MONTEFORTE – 928 – CAMPO DEL SOLE e MONTE NUVOLETI.

b) Lançar fortes reconhecimentos, particularmente no eixo MAZERNO-MONTESPECCHIO e sobre a linha MONTESE – MONTE BUFFONE – MONTELLO.

c) Procurar a melhora da posição, com posse da linha MONTESE – 888 – MONTELLO e de 747, partindo daí em aproveitamento de sucesso, sobre BERTOCCHI – RONOCCHIO e MONTESPECCHIO.

Para o cumprimento da missão foi estabelecido o seguinte dispositivo (imagem 5):

- a) Ao norte (direita do dispositivo), comandado pelo Tenente-Coronel Franklin, o III/1º RI, na frente compreendida entre MOROTTI e o VALE DO CANNELLI;
- b) Ao Centro, comandado pelo Major Syzeno Sarmento, o II/1º RI, de NATALINO até o PONTO COTADO 777;
- c) Ao sul o 11º RI, comandado pelo Coronel Delmiro, na frente compreendida entre ponto cotado 771 até Cappella Di Ronchidos;

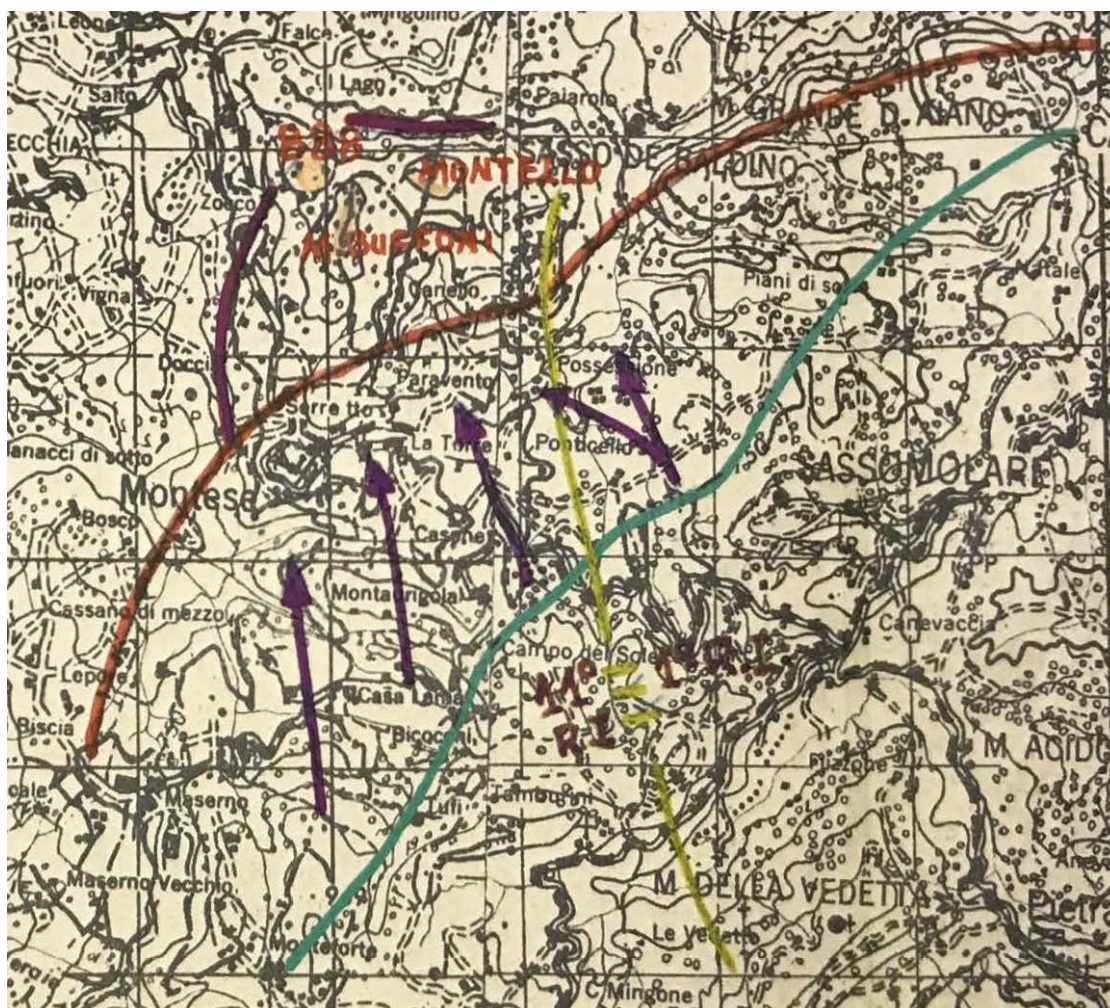


IMAGEM 5: Dispositivo inicial da 1ª DIE para o ataque a Montese

Fonte: (BRASIL, 1945a)

Na Imagem, observa-se a direção geral de ataque do 11º RI e do 1º RI, representada pelas setas. A linha amarela representa o limite entre os Regimentos. A linha verde simboliza a linha de partida; a linha vermelha, a conquista dos objetivos iniciais e, por fim, a linha roxa demonstra tanto a conquista dos objetivos finais como a linha limite de progressão. Escrito em vermelho, estão representados os três objetivos principais da Divisão.

- d) Artilharia: I Grupo, apoio direto ao 11º RI e ao II/1º RI; II Grupo, apoio direto 371º RI (americano); III e IV em ação de conjunto;
- e) Engenharia: uma Cia na Zona de Ação do II/1º RI e acompanhamento do 1º Esqd Rec; uma Cia na zona de ação do 11º RI; uma Cia em reserva; e
- f) Na reserva permaneceria o 6º RI, o 1º RI (menos o II e o III) e o Esquadrão de Reconhecimento.

Ao 11º RI coube realizar o ataque principal, conquistar MONTESE – P Cot 888 –MONTELLO. O II/1º RI realizaria um ataque limitado a fim de cobrir o flanco do 11º RI e o III/1º RI apoiaria pelo fogo as ações do 11º RI e do II/1º RI (BRASIL, 1945b).

Portanto, as vésperas do ataque a Montese o dispositivo da FEB era balizado pela seguinte linha de alturas: Cappella Di Ronchidos – Le Grotti – Albarelli – Melchiorri – Monte Forte – Lama – Campo Del Sole – Sassomolare – Monte Nuvoleti (imagem 6).

### 3.5.2 O Inimigo

Após a conquista de Monte Castello (21 de fevereiro de 1945), as forças alemãs remanescentes fortificaram-se no em Montese e nas elevações que contornam a pequena cidade italiana, formando uma cadeia de muralhas. Montese era, pois, um novo baluarte que os brasileiros teriam que enfrentar. Em cada casa, dobra de morro, canto de rua, estava o inimigo a espreita (PALHARES, 1951).

Isso posto, a posse das alturas do maciço de Montese era de importância vital para o sistema defensivo inimigo (MOARES, 2005). Portanto, estabeleceu um sistema defensivo em profundidade, abarcando as elevações de Montebuffone – cota 927 – cota 886 e ainda cota 888 – Montello.

Na zona de ação brasileira encontravam-se dois regimentos alemães da 114ª Divisão Ligeira (*Jägerdivisionen*), comandada pelo General Martin Strahammer. Unidade criada em 1943 e que havia atuado na Iugoslávia antes de sua transferência para a Itália.

Após chegar ao TO italiano, foi empregada em Ânzio, na tentativa de impedir a fixação da cabeça de ponte aliada, onde sofreu pesadas baixas. Ademais, cooperara

com a 232ª DI na paralisação do ataque do IV Corpo ao Monte Belvedere e Della Torrachia (MORAES, 2005).

Dos dois regimentos presentes, o 471º RI mantinha as posições de Montese – Cota 888 – Montello. O outro se encontrava em reserva na região de São Martinino – Salto.

As divisões Jäger do exército alemão eram similares às divisões de infantaria tradicionais (*Infanteriedivision*), porém com algumas modificações. Possuíam apenas dois regimentos de infantaria com três batalhões cada, ao invés dos três regimentos presentes na divisão de infantaria, menos meios motorizados e artilharia de menor calibre. Entretanto essas unidades eram especializadas no combate em terrenos acidentados, baixas montanhas, bem como em áreas urbanas (Disponível em <<https://28jager.weebly.com/unit-history.html>> Acesso em: maio de 2019).

Ademais, segundo Brasil (1945c), era possível que estivessem na retaguarda imediata elementos da 29ª Pazergranadier-division, o que indicava possível intervenção de unidades blindadas nos contra-ataques.

Em Fernandes (2011, p. 257) podemos verificar um panorama de como o inimigo se preparava para defender seu último bastião das forças aliadas e, conseqüentemente, das dificuldades que seriam enfrentadas pelas tropas brasileiras:

Sucessivas posições defensivas pretendiam barrar o avanço, deixando os atacantes enleados nos bolsões. Casamatas de concreto ou de troncos de árvores e pedras, algumas ainda não totalmente completadas, formavam consecutivos bastiões ou pontos fortes à espera das arremetidas. As barreiras de fortins, campos minados, ninhos de metralhadoras, obstáculos anticarro e posições de artilharia levavam nomes femininos, em nada recordando os cruentos encargos que lhes foram atribuídos. A região do ataque, totalmente dominada pelas vistas do arco de montanhas à volta de Montese, ocultava os PO alemães, postos de observação de artilharia móvel de longo alcance, até então mantida calada para escapar da localização e do bombardeio dos enxames de *Thunderbolts P-47* americanos e da esquadrilha brasileira.

Segundo Palhares (1951) além das tradicionais posições defensivas, dentro das cidades os alemães tinham o costume de empregar muitas *boobie traps*, armadilhas improvisadas que poderiam ser colocadas em qualquer lugar. “A morte poderia vir numa torneira que se abria, num binóculo encontrado a esmo pelo chão, num revolver como que esquecido a um canto da casa ocupada ou até mesmo nos corpos dos mortos”.

Outro ardil empregado pelos nazistas era atravessar cabos de aço pela cidade para degolar os ocupantes de veículos que transitavam pelas ruas. “Os americanos adotaram uma defesa, hastes de ferro a frente dos carros, porém os alemães percebendo isso passaram a empregar um cordel fino minado, que era acionado quando os jeeps passavam” (PALHARES, 1951).

### 3.5.3 As operações do dia 14 de abril de 1945 – a conquista de Montese

Com o início do ataque da 10ª Divisão de Montanha, às 10h15min do dia 14 de abril, deu-se início a Batalha de Montese. Com o lançamento de fortes patrulhas, reforçadas por elementos de engenharia, a manobra inicial tinha por missão realizar reconhecimentos agressivos e ocupar pontos essenciais do terreno para desencadear o assalto (imagem 6). Juntamente com a preparação da artilharia por 15min, a ação deu a impressão da execução de um ataque o que resultou numa forte reação do inimigo com fogos de armas automáticas, artilharia e morteiros (BRASIL, 1945b).

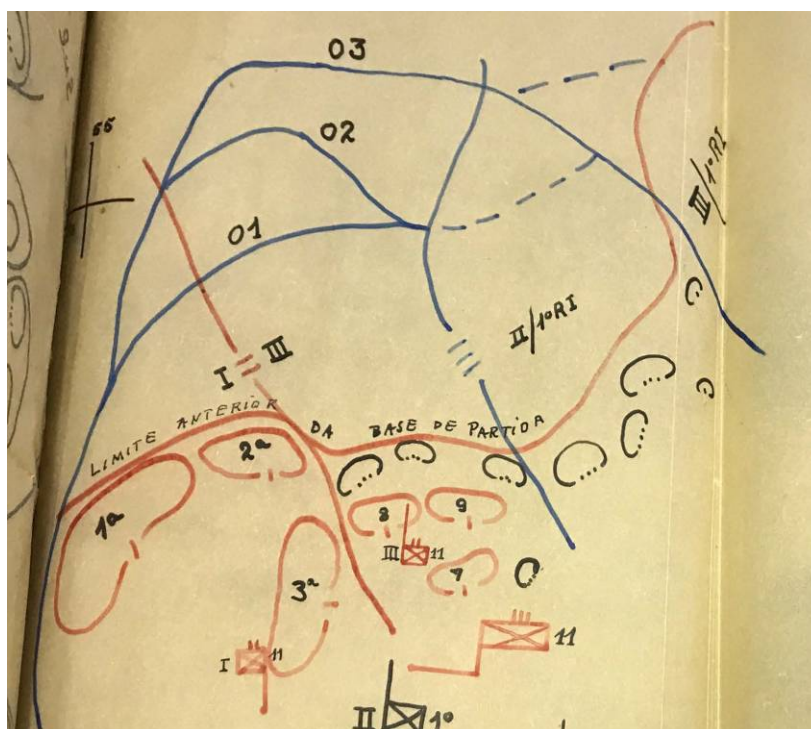


IMAGEM 6: Esquema de manobra do 11º RI com seus limites, objetivos e posições iniciais.  
Fonte: (BRASIL, 1945d)

Às 13h30min tem-se o início ao ataque propriamente dito sobre o triângulo MONTESE-P Cot 888 – MONTELLO. O ataque foi precedido por potente preparação

da artilharia que durou 15min, apoiando principalmente as ações do 11º RI, que inicia sua manobra com dois batalhões. No flanco leste do dispositivo o II/1º RI também inicia seu ataque (BRASIL, 1945a).

Cabe destacar nessa fase inicial do combate a atuação dos veículos blindados, que atuaram na direção geral de Serreto e da Cia de Morteiros químicos dos Estados Unidos, que atuou de forma eficiente, ora realizando a cortina de fumaça ora batendo as posições inimigas (BRASIL, 1945b).

O ataque prossegue apesar das crescentes baixas e às 15h45min Montese é ocupada, apesar de ainda haver alguma resistência dentro da localidade. Posteriormente, o III/11º RI também alcança seu objetivo inicial e conquista Serreto e imediações de Paravento. Entretanto, o inimigo ainda resistia obstinadamente em Montebuffone, de onde conduzia fogos de canhões e morteiros sobre as áreas recentemente abandonadas, desarticulando o ímpeto inicial do ataque do Regimento (BRAYNER, 1968).

Ao chegar à noite, a situação permaneceu inalterada. Devido a isso o comandante da divisão deu ordem de suspender o ataque e manter as posições conquistadas. O III/6º RI foi deslocado para a região de Montese para auxiliar na limpeza da vila e estabelecer contato com o 11º RI e o 1º esquadrão de reconhecimento também passou a ser empregado devido à chegada da noite (BRASIL, 1945a).

Apesar das vitórias alcançadas no dia 14, Montebuffone, Montello e P Cor 888 ainda se encontravam de posse dos inimigos. Para Brayner (1968) a 1ª DIE perdeu a oportunidade de aproveitar os sucessos obtidos naquele dia, se contentando com a conquista de Montese e não seguindo adiante. O ataque teria que ser transferido para o dia seguinte. Entretanto, apesar não ter conquistado seus objetivos, a 10ª Divisão de Montanha e a 1ª Divisão Blindada, tampouco o fizeram, onde sofreram grandes perdas e progredindo pouco. Portanto, a conquista de Montese foi o acontecimento mais notável naquele dia de operação, no IV Corpo de Exército.

#### 3.5.4 A Missão do 11º RI

Nesta seção, para melhor entendimento, descreveremos as ações desencadeadas pelo 11º RI, principal ator da conquista de Montese. Para melhor compreensão da manobra tática, consulte o ANEXO A.

Diante da difícil missão que lhe foi imposta, o Cel Delmiro estabeleceu o seguinte conceito da operação para o regimento: atacar na direção P Cot 810 – SERRETO – P Cot 927 – P Cot 880, com o III Btl ao norte, realizando o ataque principal, para conquista sucessivamente SERRETO e PARAVENTO (objetivo 01), P Cot 927 (objetivo 02) e P Cot 888 e MONTELLO (objetivo 03) e com o I Btl ao sul, para conquista e manter MONTESE e P Cot 726. Após a conquista dos objetivos, ficar em condições de iniciar o aproveitamento do êxito na direção de MAIOLO. O II Btl ficaria em reserva e apoiaria pelo fogo as ações do I Btl (BRASIL, 1945d).

Durante o ataque, o 11º RI receberia o apoio de uma Cia do 760º Batalhão de *Tanks* americano. Essa unidade seria dividida em dois grupamentos: o 1º grupamento, composto por 3 blindados leves (imagem 7), 5 blindados médios e 2 caça-blindados, iria apoiar o I Btl no ataque sobre Montese e Serreto e o 2º grupamento, composto por 7 carros, prestaria o apoio ao III Btl, caso o terreno permitisse (BRASIL, 1945d).



IMAGEM 7: Blindado Leve M3 Stuart

Fonte: Disponível em  
<[https://www.worldwarphotos.info/gallery/usa/tanks/m3\\_stuart/](https://www.worldwarphotos.info/gallery/usa/tanks/m3_stuart/)> acesso em:  
10 de setembro de 2019.



#### 3.5.4.1 As ações do I/11º RI

O I/11º RI, comandado pelo Maj Lisboa, iria executar o ataque secundário do Regimento, tendo por missão cobrir o flanco do III/11º RI, conquistar a localidade de Montese (objetivo 01) e, posteriormente, o P Cot 726 (objetivo 02). Para isso, o comandante da unidade resolveu empregar a 1ª e 2ª Cia em primeiro escalão e a 3ª Cia em reserva, sendo que a 2ª Cia caberia à conquista dos objetivos e a 1ª Cia cobrir o flanco oeste do batalhão e apoiar as ações da 2ª Cia (BRASIL, 1945d).

As 10h15min tem início as ações de reconhecimento, entretanto devido a forte resistência e a presença de campos minados, os pelotões do Ten Ary e do Ten Iporan não conseguem grandes ganhos (SOUZA, 2005).

As 13h15min, após 15min de preparação dos fogos de artilharia, a 2ª Cia recebeu a ordem de desencadear o ataque. Todavia, as forças inimigas localizadas no P Cot 759 ameaçavam deter a progressão da subunidade. Diante dessa situação o comandante resolveu empregar o Pel Especial para reduzir a resistência em 759 e deu ordem para que os pelotões do Ten Ary e do Ten Iporan prosseguissem no ataque (SOUZA, 2005).

Os elementos atacantes percorreram um terreno semeado de minas que exigiu o trabalho constante de aberturas de brechas. O inimigo desencadeava barragens de fogos de armas automáticas e artilharia em toda zona de ação conseguindo deter o pelotão do Ten Ary, que acabou ferido mortalmente.

Porém, o Ten Iporan obteve êxito. Ele desbordou a resistência presente no P Cot 759 e penetrou na cidade por sudoeste, conseguindo dominar prontamente a resistência alemã presente na igreja. As 14h45min o comando da FEB era informado que tropas brasileiras já se encontravam na cidade (BRASIL, 1945d).

Após entrar na cidade, o Pel do Ten Iporan foi reforçado imediatamente por um pelotão da 3ª Cia que seguia a sua esteira e pelo Pelotão Especial, que já havia conquistado o P Cot 759, para que fossem dominadas as outras guarnições e feita a limpeza da cidade. As 17h50min do mesmo dia a posse da vila de Montese estava consolidada (BRASIL, 1945d).

Almeida (1985) nos dá a exata noção do que foi a captura de Montese ao apresentar o relato do próprio Ten Iporan.

Eram 12 horas e estávamos bastante preocupados com a possibilidade de recebermos tiros pela retaguarda vindos de Montaurigola. Saímos para o ataque. Mal o pelotão transpôs em linha a crista, partiram de Montese foguetes de sinalização com estrelas vermelhas, denunciando nosso ataque. A tropa ultrapassou os pontos mais elevados com grande rapidez, facilitada em muito pelo terreno íngreme. Após o pelotão ter vencido um terço da elevação, sua retaguarda foi batida por densa e compacta barragem de artilharia, que cortou o fio telefônico em vários pontos.

Após transpor a linha de partida, Iporan seguiu por um caminho desenhado coberto por mata, evitando ser batido por fogos provenientes da cota 795, que ainda estava ocupada pelo inimigo. Devido aos reconhecimentos dos dias anteriores ele tinha conhecimento do terreno e utilizando as brechas nos campos minados.

No terço inferior da elevação, aproveitando-se de uma estrada carroçável, que oferecia boa proteção, o pelotão reajustou o seu dispositivo e lançou à frente o 3º Grupo de Combate; os outros GC apoiaram o avanço trocando tiros dispersos com as primeiras resistências inimigas, mal definidas no terreno. O 3º Grupo, após um pequeno deslocamento, para e assinala a existência de minas. O comandante do pelotão, ao chegar ao ponto assinalado pelo sargento, constatou, com satisfação, que não se tratava de um campo minado e sim de *booby-trap* (armadilhas) ligadas a minas antipessoais. Neutralizamos as minas, pois conhecíamos o manuseio daqueles artefatos. Mandamos o 3º GC continuar a progressão, ao mesmo tempo em que determinamos o avanço do 2º GC, passando a marchar com este.

Iporan chegou ao sopé de Montese com poucas baixas e seguiu o seu avanço. Progrediu encosta acima até ser detido pelos tiros dos defensores localizados na frente das casas da orla da cidade. A resistência se encontrava a cerca de 150m da sua posição e para chegar até lá deveria transpor uma depressão com encostas suaves e vegetação rasteira.

Devido à conformação do terreno e a distância, o rádio do pelotão não funcionava, deixando-os sem comunicações com o escalão superior ou elementos vizinhos. Em face dessa situação, sem perspectiva de receber qualquer tipo de apoio, Iporan enviou um mensageiro ao comandante da companhia e determinou o assalto a posições inimigas.

O 2º GC empregado teve seu avanço sustado por fogos vindos do flanco direito da casa mencionada e de duas outras colocadas à esquerda; Sua situação era análoga ao do outro anteriormente detido, ou seja, no topo das escadas, separados do inimigo por curtas distâncias, tendo de permeio um terreno limpo.

O pelotão estava com dois grupos imobilizados, só restando um para tentar desferrá-los. Caso desse errado a ação do último GC, Iporan ficaria detido e isolado. Após estudar o terreno, optou por empregar sua peça de manobra mais a esquerda, onde o terreno era mais favorável, enquanto os outros grupos realização a base de fogos para cobrir o avanço.

Inicialmente a progressão foi feita com relativa facilidade, mas, à proporção que se aproximavam as casas, diminuía o seu ímpeto; constatamos, em dado momento, que o ataque estava praticamente parando; resolvemos, então, impulsioná-lo pessoalmente; deslocamo-nos pra a frente, passando a atuar tal qual um comandante de grupo. O sargento ponderou, achando que o tenente estava fazendo "loucuras", mas passou a atuar com mais energia e denodo, e avançamos ouvindo o pipocar das granadas de mão dos alemães, que explodiam nas proximidades.

Quando avançava a frente de seus homens, Iporan foi surpreendido por fogos de artilharia amigos. Os tiros foram solicitados pelo II/11º RI, que, sendo flanqueado pelos tiros provenientes de Montese, enfrentava dificuldades no seu avanço. Sem saber que uma fração já se encontrava na vila, o estado maior da FEB atendeu a solicitação. Apesar do inesperado, a ação também surpreendeu os defensores, que se abrigaram, surgindo uma oportunidade para o assalto.

O grupo atingiu as posições inimigas enquanto não havia se dissipado a fumaça da artilharia; Os alemães permaneciam no fundo de seus abrigos, quando os nossos ultrapassavam as suas posições, sabiamente camuflados. Tentaram então, reagir, mas foram postos fora de combate. O comandante de pelotão procurou imediatamente reconhecer o terreno em frente e, quando o fazia, foi metralhado de um das janelas laterais da casa grande, não sendo atingido, mas tendo a sua calça chamuscada.

Ao penetrar nas linhas inimigas, vindo de uma direção menos provável, o pelotão introduziu uma cunha no seu sistema defensivo, levando-os a crer que estavam sendo desbordados. Ainda assim, os homens do tenente Iporan estavam em uma situação crítica, recebendo tiros dos dois flancos.

Quando finalmente as comunicações foram reestabelecidas, o capitão Sidney, Cmt da Cia, empregou sua reserva para explorar o sucesso alcançado. O Cmt do batalhão também empregou sua reserva e deslocou elementos da 3ª Cia e o Pelotão de Choque para garantir o domínio sobre a cidade e realizar a limpeza das casas. Às 17h50min a posse de Montese estava consolidada.

Sobre a conquista da vila de Montese, fato observado em Brasil (1945d) nos informa que as regiões de Serreto e Paravento foram conquistadas com o auxílio dos blindados do 2º Grupamento. Porém, os blindados do 1º Grupamento não conseguiram abordar Montese, ficando impedidos por campos de minas. A captura de Montese foi feita pelo Ten Iporan sem o auxílio dos blindados.

Outro fator importante a ser destacado no ataque a Montese foi a atuação do Pelotão Especial ou Pelotão de Choque. Este grupamento, constituído de praças escolhidas por seus desempenhos anteriores, teve como mais notório integrante o Sgt Max Wolff Filho. Eles eram selecionados, nas diferentes companhias do batalhão, dentre aqueles que mais se destacavam em ações de patrulha (ALMEIDA, 1985).

#### Para Palhares (1951)

O Pelotão de Choque do I Btl do 11º RI desempenhava missões particularmente difíceis e de feitos decisivos, arrostando toda gama de perigos e desassombadamente cumpriram as mais delicadas missões. No ataque a Montese são empregados na fase mais aguda do combate. Atacam vigorosamente as posições inimigas do ponto contado 759 do Norte e aprisionam ou aniquilam toda a guarnição alemã. Foram encarregados da limpeza do casario de Montese, para onde se dirigiram, atacaram, cercaram, esquadrinharam, destruíram as resistências encontradas, assegurando para a divisão brasileira a posse definitiva desta importante posição alemã.

#### 3.5.4.2 As ações do III/11º RI

O III/11º RI, comandado pelo Maj Cândido, iria executar o ataque principal do Regimento, na direção P Cot 855 – P Cot 927, a fim de conquistar os seguintes objetivos sucessivamente SERRETO e PARAVENTO (objetivo 01), P Cot 927 (objetivo 02) e P Cot 888 e MONTELLO (objetivo 03). Para isso, conforme imagem 8, o comandante da unidade resolveu empregar a 8ª Cia a oeste e a 9ª Cia a leste, com a 7ª Cia em reserva, sendo que a 8ª Cia caberia o esforço principal para a conquista dos primeiros objetivos (ABREU, 1946).

Às 10h15min, durante as ações preliminares, os elementos do batalhão atingem Cassone e P Cot 751. Porém, somente às 13h15min, após a preparação da artilharia, iniciasse o ataque. À esquerda, na frente da 8ª Cia, o inimigo apresenta fortes reações, a subunidade, que não contava com o apoio de blindados devido ao terreno, consegue progredir um pouco e acaba detida. A direita a 9ª Cia progride

rapidamente com auxílio dos carros de combate e às 13h45min atinge Paravento (BRASIL, 1945d).

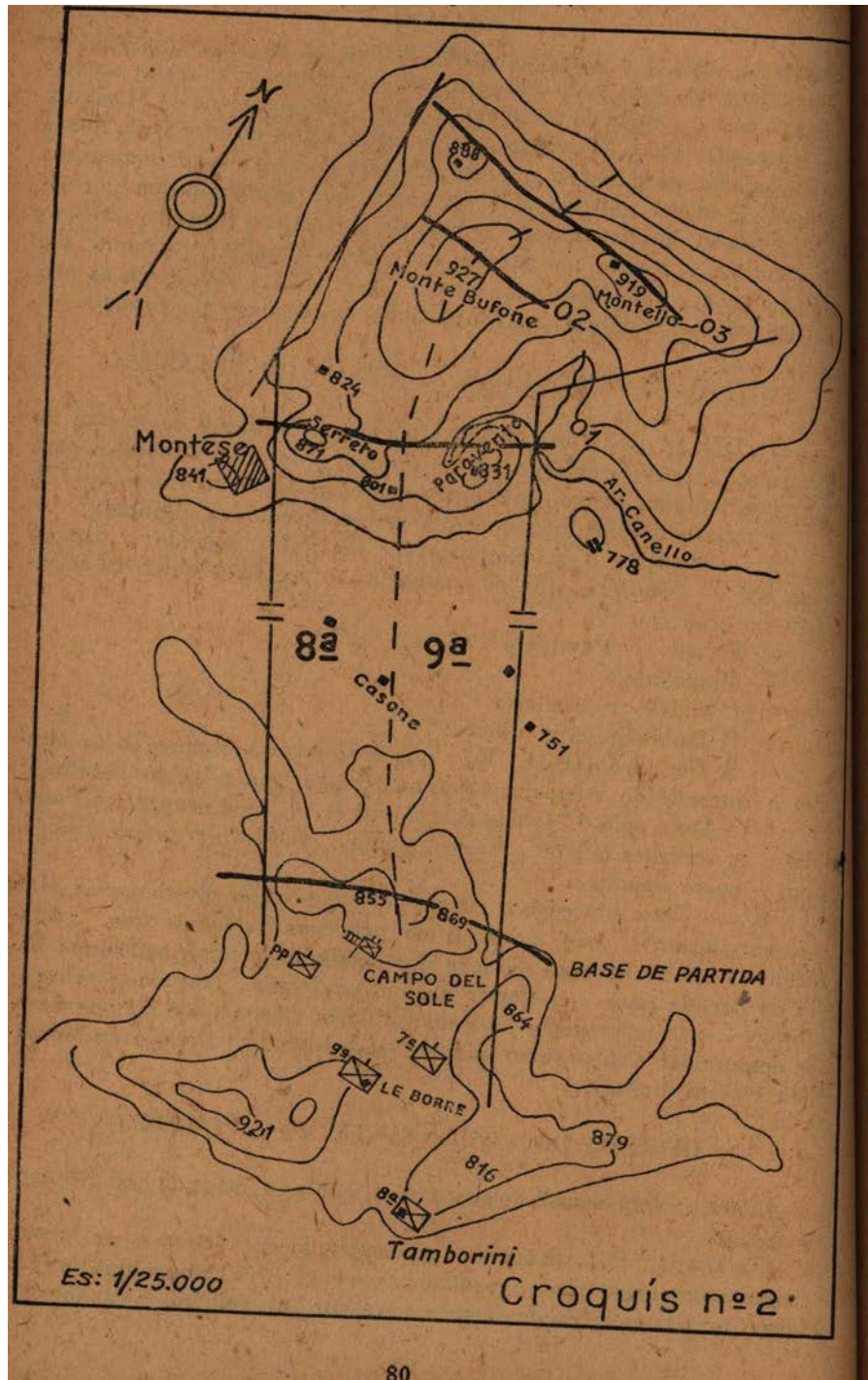


IMAGEM 8 – Esquema de manobra do III/11º RI

Fonte – (ABREU, 1946)

Esta imagem representa o esquema de manobra do ataque principal do 11º RI. Estão representadas as posições iniciais das SU, os limites do batalhão e seus objetivos a serem alcançados.

A artilharia inimiga castigava fortemente os atacantes. Diante dessa situação o Cmt da unidade decide intervir no combate. Da ordem à 9ª Cia que inflita para a esquerda e ocupe o restante do objetivo, no caso Serreto. Posteriormente emprega a 7ª Cia no eixo da 9ª Cia visando aproveitar o êxito obtido por aquela subunidade. Conseqüentemente, às 15h30min Serreto é conquistado por elementos da 9ª Cia que, posteriormente, foi substituída pela 7ª Cia. Após os embates realizados, a 8ª Cia consegue finalmente superar as resistências inimigas na sua zona de ação e se instala na encosta sul nas elevações do objetivo 1 (SOUZA, 2005).

Portanto, ao final do dia o batalhão, se encontrava com duas Cias em primeiro escalão e uma em segundo escalão, conforme vemos na imagem 9.

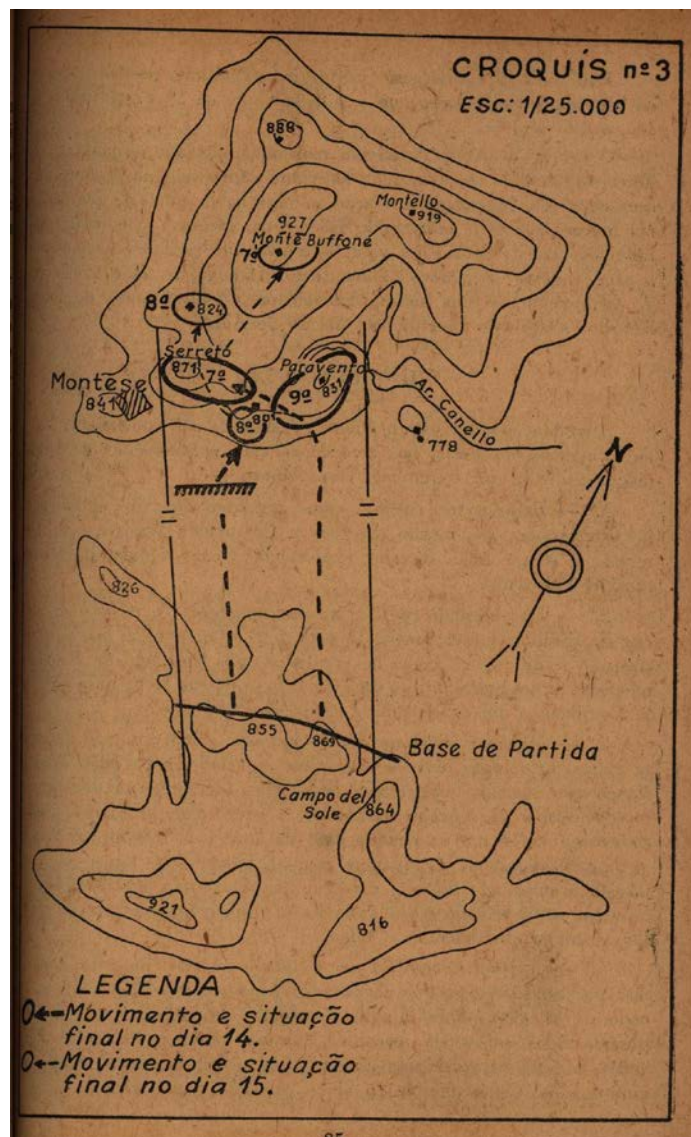


IMAGEM 9 – Situação final do II/11º RI nos dia 14 e 15  
 Fonte – (ABREU, 1946)

### 3.5.5 As operações no dia 15 de abril de 1945

Na manhã do dia 15 as operações continuaram. A cota 927 e Montello continuavam a devassar o movimento aliado, principalmente no setor da 10ª Divisão de Montanha. Sendo assim, os batalhões da FEB continuaram o ataque a partir das posições conquistadas no dia anterior (MORAES, 2005, p 169).

Devido ao grande número de baixas sofrido pelo 11º RI, foi cogitada a hipótese de substituir essa tropa no prosseguimento do ataque. No entanto, devido à solicitação dos próprios chefes e do elevado estado moral dos seus homens, o comando da 1ª DIE optou por continuar empregando o mesmo regimento na ação principal do dia 15. (BRAYNER, 1968).

A investida iniciou-se às 09h45min após fogos de preparação de 15 min. o I e III batalhões prosseguiram e conseguiram progredir francamente para o objetivo 02. Após quase duas horas de combate o I batalhão logrou êxito em ocupar o P Cot 726, entretanto, o III batalhão apenas conseguiu se estabelecer na parte leste do P Cot 927, alcançada com o apoio de veículos blindados. A 8ª Cia do mesmo batalhão, sem apoio de carros devido às características do terreno, acabou detida na face oeste da mesma elevação e foi obrigada a retrair e se estabelecer no P Cot 824, de onde foi substituído ao final do dia devido às baixas, após contra-ataque inimigo (BRASIL, 1945d).

O inimigo resistiu mais uma vez. Intensificando o seu bombardeio, os alemães lançaram mais de 3200 tiros sobre a zona de ação da 1ª DIE, sendo considerada a jornada de maior número de impactos de toda frente do IV Corpo na campanha da Itália. “Os fogos da infantaria alemã são mais ajustados, mais densos, e as explosões de minas se sucedem” (BRASIL, 1945a)

Na Jornada deste dia, a 10ª de Montanha obtivera melhores resultados em seu avanço. A concentração de fogos de artilharia e morteiros no maciço de Montese, que recebeu mais tiro que toda a frente do IV Corpo, e a impossibilidade dos inimigos desviarem parte dos seus meios para os vizinhos da FEB, contribuíram para que se aliviasse a pressão sobre o setor daquela unidade (MORAES, 2014).

Conforme Imagem 9, ao final da jornada o 11º RI mantinha Montese e Paravento e a situação em Serreto ainda era confusa.

### 3.5.6 O final da Batalha de Montese

Estando a tropa desgastada, precisando de recuperação (MORAES, 2014, p. 317), um novo ataque às posições inimigas foi marcado para o dia 17.

Silveira (1989, p. 182) nos esclarece o que aconteceu ao final daquele dia:

o Quartel General (QG) brasileiro recebeu a notícia de que a 10ª Divisão de Montanha tinha tomado a localidade de Tole: era o início da ruptura da linha alemã. De fato, no dia seguinte o comando do 4º Corpo introduziu uma cunha na linha inimiga, rompendo-a.

Portanto, no dia 17 de abril o general Crittenberger informou que o general Truscott, comandante do V Exército, ordenara o cancelamento dos ataques no maciço de Montese, pretendendo canalizar sua reserva na brecha aberta na região de Tule, passando a 1ª DIE para uma atitude defensiva (MORAES, 2014).

Como evolução natural das operações desse dia, coube à divisão brasileira a missão de manter a segurança do flanco esquerdo do IV Corpo, sondando a resistência germânica em cota 927 e mascarando o movimento das reservas aliadas - americanas e brasileiras - que se encaminhavam para a porção oriental do nosso setor (MORAES, 2014, p 318).

Era o final da Batalha de Montese.

Apesar do final de extrema simplicidade e mesmo que não tenha atingido todos os objetivos, Silveira (1989) destaca a importância das conquistas obtidas pelo FEB nesses quatro dias de combate:

O combate de Montese foi a etapa de maior importância para a ofensiva da primavera. Objetivos foram alcançados e conquistados, e mais terreno não foi ocupado porque perdera significação, face aos acontecimentos ocorridos no setor da 10ª Divisão de Montanha. A batalha de Montese contribuiu positivamente para o êxito do conjunto: fixou tropas em uma região de grande importância, obrigou o inimigo a fazer enorme consumo de munição (mais de 3.200 projéteis de canhão foram atirados). Foi uma vitória muito dura. Os três dias de luta causaram à tropa brasileira 426 perdas entre mortos e feridos, custo alto em vidas humanas, acentuando a importância que o próprio inimigo deu à posse da posição conquistada pelos brasileiros.

## 3.6 O COMBATE EM ÁREA EDIFICADA

O combate área edificada é aquele que se desenvolve em um ambiente operacional edificado. Conforme o previsto no Manual EB70-MC-10.223 –



Operações (BRASIL, 2017b. p. 2-2), “o ambiente operacional é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço onde atuam as forças militares e que interferem na forma como são empregadas, sendo caracterizado pelas dimensões física, humana e informacional”.

Conforme o mesmo manual (BRASIL, 2017b. p. 2-2), a dimensão física é aquela relacionada com os fatores terreno e condições meteorológicas, a dimensão humana “abrange os fatores psicossociais, políticos e econômicos da população local, assim como suas estruturas, seus comportamentos e interesses” e a dimensão informacional “abrange os sistemas utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação”.

Como definição para as operações em área edificada, seguiremos o que consta no manual EB70-MC-10.333 - Operação em Área Edificada:

São as operações com o propósito de obter e manter o controle, total ou parcial, de uma área edificada ou negá-la ao inimigo. O ambiente edificado pode ser urbanizado e contar com a presença de não combatentes ou evacuados. As áreas onde há fortificações de alvenaria construídas para fins militares (proteção) se enquadram no conceito de área edificada (BRASIL, 2018, p 1-3).

Cabe ainda destaca que, para Mesquita (2008, p. 02)

O combate em ambiente urbano não é um fenômeno militar dos tempos atuais, mas sim um elemento que já acompanha o homem desde a antiguidade e os inúmeros casos de cercos a cidades e fortalezas que ocorreram desde essas épocas remotas propiciaram o desenvolvimento de incontáveis engenhos bélicos, técnicas e táticas, com a finalidade de apoiar tanto o atacante quanto o defensor.

Por fim, nesta seção, faremos uma descrição do combate em área edificada, mostrando as principais características das operações ofensivas nesse ambiente, qual a doutrina empregada pelo Exército Americano na Segunda Guerra Mundial e qual a doutrina adotada pelo Exército Brasileiro nos dias atuais.

### 3.6.1 Características das operações em áreas edificadas

De modo geral:

As áreas edificadas revestem-se de características peculiares, que fazem delas um ambiente operacional diferenciado. As construções, contendo

estruturas resistentes de alvenaria, de concreto armado e aço, modificadas para fins defensivos, assemelham-se às posições defensivas fortificadas. Quando reduzidas a escombros, além de manter seu valor defensivo, dificultam o emprego de tropas motorizadas, mecanizadas e blindadas (BRASIL, 2018, p. 2-5).

De forma geral, as características das operações em áreas edificadas são as seguintes:

- a) canalização do movimento;
- b) dificuldade de prover apoio mútuo;
- c) ações táticas descentralizadas e executadas por pequenas frações;
- d) predomínio do combate aproximado;
- e) dificuldade de localizar e identificar o inimigo;
- f) preocupação com efeitos colaterais;
- g) menor velocidade nas operações;
- h) observação e campos de tiro reduzido;
- i) maior necessidade de segurança em todas as direções;
- j) importância do apoio da população; e
- k) dificuldade de comando e controle. (BRASIL, 2017b, p. 4-13)

Além dessas características, Brasil (2018, p. 2-2) enfatiza que “é imprescindível o emprego de pequenas frações, em números significativos, haja vista as características e diversidades do ambiente operacional. Tal aspecto torna fundamental a capacidade de comando e controle em todos os níveis”. Ademais, “o emprego da tropa em área edificada é caracterizado pelo intenso uso de técnicas, táticas e procedimentos (TTP), por parte das pequenas frações, o que reforça a importância da instrução individual básica”. Logo, “o combate em área edificada é fisicamente desgastante, portanto o treinamento físico militar da fração deve ser conduzido em pistas de combate em localidade, enfatizando-se o trabalho em equipe na ultrapassagem dos obstáculos”.

Neste momento, cabe definir o que são TTP. O Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2007) apresenta as seguintes definições:

TÉCNICA - Conjunto de processos duma arte ou ciência  
TÁTICA – Arte de dispor, movimentar e empregar as forças militares em presença do inimigo ou durante o combate. Cuida do emprego imediato do poder para alcançar os objetivos fixados pela estratégia, compreendendo o emprego de forças, incluindo seu armamento e técnicas específicas.  
PROCEDIMENTO - Forma específica de executar uma atividade.

Isso posto, as TTP são as formas como é executada uma atividade, abrangendo toda medida que é adotada por um determinado agente ou grupo de combatente, que é desenvolvida, padrozinada e aplicada.

Com relação à logística, Brasil (2018, p. 2-4) faz a seguinte observação:

Nesse tipo de operação, as munições das armas individuais e das coletivas portáteis (inclusive canhões sem recuo) possuem elevado perfil de consumo, devido ao ambiente operacional caracterizado por confrontos a curta distância (combate em ambientes confinados); às restrições aos campos de observação e de tiro e aos constantes engajamentos.

Outra característica que vale destacar é com relação ao emprego de caçadores, que devem ser priorizados, pois:

[...] possuem grande potencial em áreas edificadas. A capacidade desses especialistas em prover apoio de fogo de curto ou longo alcance é fundamental, tanto para unidades como para pequenas frações, durante seus deslocamentos. Além disso, podem atuar como vetores de busca de dados, como plataforma de apoio ao comando e controle e na condução e execução de fogos de assalto (BRASIL, 2018, p. 2-4)

Por fim, Brasil (2018, p. 3-1) chega a seguinte conclusão:

A existência de grande número de obstáculos, lançados pelo defensor ou decorrente dos escombros gerados pelos combates em áreas edificadas, e a grande predominância do combate aproximado faz com que as tropas de infantaria sejam as mais indicadas neste tipo de ambiente.

### 3.6.2 Operação em área edificada na Segunda Guerra Mundial

No Exército Americano, devido às perspectivas de combate em ambiente urbano na Segunda Guerra, os primeiros manuais sobre o assunto surgiram em 1944, inspirados nas experiências vividas pelos exércitos da Alemanha e da União Soviética (EUA, 1993).

#### 3.6.2.1 Características das operações

As principais características abordadas no FM 31-50 (EUA, 1944b, p. 61, tradução nossa) são as seguintes:

(1) As cobertas e abrigos estão disponíveis para ambos os lados.

(2) Ruas e becos facilitam o movimento, mas constituem locais prontamente batidas pelos fogos.

(3) A observação e os campos de tiro são limitados.

(4) O emprego de veículos blindados é, geralmente, muito restrita e canalizada. Sujeitando-os a ataques a curta distância por várias armas. Os carros de combate estão com uma desvantagem adicional por causa da incapacidade de elevar suas principais armas para disparar nos andares superiores, nos porões e nos edifícios próximos.

(5) A proximidade das forças oponentes normalmente limita a eficácia do apoio prestado pela artilharia e pela aviação de combate.

(6) As comunicações serão impedidas. Tornando imperativa a descentralização do controle para pequenas frações. Isso implica necessariamente um alto grau de iniciativa e de uma compreensão completa da situação pelos seus comandantes.

Outra característica abordada por EUA (1944b) é com relação ao movimento, que devido aos obstáculos rígidos e dispostos em linhas retas, restringe bastante a manobra das unidades, variando, contudo, conforme a densidade dos edifícios e a disposição das ruas.

Devido à dificuldade do emprego dos meios de comunicações temos a seguinte observação:

Os mensageiros fornecem os principais meios de comunicação em áreas edificadas. O emprego deles pode ser otimizado por cuidadosa instrução prévia de qual rota percorrer, realizando cuidadosos reconhecimentos, aproveitando ao máximo túneis de metrô, esgotos, porões e de edifícios intermediários (EUA, 1944b, p. 64, tradução nossa)

Ainda Segundo EUA (1944b), Devido à proximidade das forças, grande parte do apoio de fogo seria fornecido por metralhadoras e canhões sem recuo. Era essencial que a maior parte dos morteiros e das metralhadoras estivessem bem a frente. Logo, o volume de fogos era extremamente importante, resultando, muitas vezes, em cidades praticamente destruídas ao final do combate (EUA, 2006, p. 1-6).

### 3.6.2.2 Forma de emprego

Devido às características das vilas e cidades favorecerem o defensor, é preferível desbordar e isolar as áreas a atacá-las diretamente. Apesar disso, algumas vezes, faz-se necessário conquistar a localidade pelo assalto (EUA, 1944a).

Decidido pela necessidade de investir sobre a localidade, o atacante deve se basear nos seguintes informações para planejar seu ataque:

- (1) Publicações de viagem, como guias, mapas de estradas, mapas da cidade, relatórios industriais, jornais, e revistas.
- (2) Informações obtidos através dos canais de inteligência.
- (3) Informações dos habitantes locais sobre atividades recentes, importantes e atuais do defensor.
- (4) Reconhecimento aéreo, fotografias aéreas e mapas.
- (5) Patrulhas de reconhecimento, com o intuito de obter informações específicas ou capturar prisioneiros.
- (6) prisioneiros. (EUA, 1944a, p. 68, tradução nossa)

Durante o planejamento, os manuais americanos levavam em consideração duas fases na execução da manobra. Conforme previsto em EUA (1944a, p. 69, tradução nossa), A primeira fase consiste na “conquista de uma posição inicial dentro da área construída, cuja posse eliminará campos de tiro, reduzindo a eficácia do tiro tenso e limitando a observação inimiga fora da área”. A segunda fase é o investimento sobre a localidade.

Na divisão das zonas de ação dos batalhões, EUA (1944b) nos informa que elas devem ser relativamente estreitas, variando de um a quatro quarteirões, sendo que os fatores que devem ser levados em consideração são: a força do inimigo na área, o tamanho e o tipo das construções e a densidade dos edifícios.

Durante a divisão das áreas de responsabilidade de cada batalhão, EUA (1944a) estabelece o seguinte critério:

Quando o área consiste em blocos de edifícios, como as áreas comerciais das cidades e vilas, onde devem ser atacados casa-a-casa, as ruas são geralmente designadas como limites. Os prédios são os objetivos imediatos e devem ser de responsabilidade de um único comandante. Em áreas construídas, como subúrbios e bairros residenciais, onde a densidade dos edifícios não requer um ataque casa-a-cas, pode ser desejável designar os limites dentro dos blocos, ordenando que as casas dos dois lados da rua sejam incluído na zona de ação de uma unidade atacante. Nesse caso, ruas transversais que são designadas como objetivos

No que tange ao emprego dos blindados, EUA (1944b) enfatiza que eles devam ser mantidos em reserva para proteger a unidade contra contra-ataque inimigo, sendo eventualmente empregados, de forma individual, em apoio à infantaria. Corroborando com essa ideia, no manual FM 7-20 (EUA, 1944a, p. 162, tradução nossa) afirma “que os blindados podem avançar com as frações da infantaria, disprando contra barricadas nas ruas, contra caçadores, metralhadoras em prédios e em qualquer outra posição vantajosa do inimigo”.

Com relação ao apoio de fogo, normalmente, as peças de metralhadoras e canhões são passadas em reforço aos elementos de primeiro escalão, estabelecendo um apoio cerrado as peças de manobra. As metralhadoras devem ser empregadas para cobrir o avanço das tropas, cobrindo cruzamentos ou batendo alvos em portas e janelas. Os canhões são empregados, frequentemente, para neutralizar armas automáticas e posições fortificadas (EUA, 1944a).

Morteiros e obuseiros podem ser empregados de forma convencional, entretanto, é preferível que os observadores avançados ocupem posições no alto dos prédios. O uso de munições fumígenas é bastante empregado para cobrir o movimento da tropa e encobrir a observação do inimigo (EUA, 1944b).

Durante o avanço pelas casas, os elementos de engenharia devem ser colocados em apoio direto à tropa que faz o investimento, objetivando limpar áreas de minas anticarro, antipessoal e armadilhas, apoiar na mobilidade removendo obstáculos, reparando ruas e executando demolições (EUA, 1944b).

O emprego da reserva apresenta uma característica peculiar, pois:

[...] normalmente têm pouca oportunidade de manobra dentro da zona de ação do batalhão. Sua missão primária será repelir contra-ataques e limpar as resistências hostis que foram contornadas pelos elementos em primeiro escalão. Ela também podem ser usados para manobrar através da zona de uma unidade adjacente que avançou mais rapidamente, com o objetivo de atingir a resistência do flanco que está barrando o ataque da unidade (EUA, 1944b, p. 71, tradução nossa).

Com isso, verifica-se dois procedimentos para a conquista de uma localidade. A primeira forma é quando existe a possibilidade de um isolamento, total ou parcial, da localidade.

Se praticável, a aldeia é primeiramente envolvida e isolada pela captura dos limites anteriores e laterais. O investimento ao interior da localidade normalmente é adiada até que as tropas atacantes estejam em posição para impedir que o defensor receba reforços. Quando a aldeia faz parte de uma linha defensiva principal, a redução das defesas externas pelas tropas que avançam facilita a ocupação dos limites laterais da localidade. Dependendo da situação a ação principal pode ser lançada ao mesmo tempo da ação no flanco (EUA, 1944a, p. 101, tradução nossa).

A segunda forma é quando não é ou possível ou quando é desnecessária essa ação de isolamento, neste caso, temos o seguinte procedimento:

Os defensores são cegos pela fumaça e neutralizados por artilharia e morteiros enquanto as tropas atacantes avançam em um ou nos dois lados para aproveitar as saídas. Nas cidades que não podem ser evitadas, mas são levemente defendidas, levados batalhões avançam rapidamente pela cidade e tomam as saídas; a defesa dentro da cidade é então removida por unidades seguindo na parte traseira.

### 3.6.2.3 As Técnicas, Táticas e Procedimentos na 2ª Guerra Mundial

A prática do combate em área edificada necessita de um adequado treinamento individual e das pequenas frações, exigindo alto grau de habilidade, iniciativa e coragem de todos os soldados, pois, as situações encontradas nunca são iguais (EUA, 1944b). Em vista disso, a sistematização das ações a serem executadas é bastante relevante nesse tipo de combate.

Os manuais americanos da Segunda Guerra Mundial já abordavam as TTP que os soldados e as pequenas frações deveriam executar para combater em melhores condições, evitando baixas.

Para um deslocamento seguro no ambiente edificado EUA (1944b, p. 81, tradução nossa) faz a seguinte observação:

O avanço será de casa em casa pelos pátios laterais, túneis, sobre telhados, através das paredes ou por quintais, ruas ou becos. A zona de progressão de um grupo de combate atacante normalmente inclui apenas um lado da rua. Porém, normalmente, evita-se as ruas, tanto quanto possível, pois geralmente são bem cobertas pelo fogo inimigo. Quando for necessário avançar ao longo de uma rua, o avanço é feito por esquadras, cada esquadra cobrindo um lado da rua. Durante os deslocamentos o abrigo deve ser selecionado com antecedência. É muito tarde para selecionar uma cobertura ao receber fogos. Aproxime-se da parede e mova-se rapidamente de abrigo em abrigo.

Para melhor aproveitar uma proteção, o combatente deve ser treinado para disparar do lado direito do abrigo a partir do ombro direito e do lado esquerdo pelo ombro esquerdo, desta forma ele expõe menos o corpo. Ele também deve evitar, se possível, disparar por cima do abrigo, a menos que a que sua silhueta se misture com o fundo. Por isso, ao transpor um obstáculo, como paredes e telhados, role rapidamente sem permanecer na vertical (EUA, 1944b).

O combate casa-a-casa é a essência do combate em área edificada, por isso, EUA (1944b) detalha a forma como deve ser executada. Durante a limpeza de um edifício o grupo de combate deve ser dividido em dois ou mais grupos, sendo um de cobertura e um de busca. O grupo de cobertura deve proteger e facilitar o avanço do

grupo de busca em direção à edificação que será atacada, cobrindo pelo fogo seu movimento. O grupo de busca deve realizar a limpeza de todos os edifícios que possam estar ocupados pelo inimigo.

O grupo de busca realiza a limpeza de todos os edifícios que possam ser ocupados pelo inimigo. O grupo de busca deve ser pequeno, pois, muitos homens ficam no caminho um do outro quando lutam nos cômodos. Um ou dois grupos de busca [...], precedem o grupamento e forçam a entrada no edifício. O restante dos grupos de busca seguem imediatamente. Uma vez dentro do edifício, um ou mais homens são postados para evitar surpresa. O restante do grupo realiza a tarefa de limpar o edifício de acordo com um plano previamente combinado. Como regra geral, o número mínimo de homens é designado para cada tarefa. (EUA, 1944b, p. 82, tradução nossa)

Segundo EUA (1944b), existem três métodos de entrar em limpar uma casa: a primeira forma é pelo teto ou andar superior, realizando a limpeza de cima para baixo; o segundo é por um buraco a parede no nível térreo, feito por explosivos; e o terceiro é pelas portas ou janelas do andar mais baixo. Sendo a primeira a forma mais desejável. Todavia, algumas vezes será impossível entrar pelo topo, nessas ocasiões, o atacante deve buscar ganhar os andares superiores o mais rápido possível.

Depois de limpar os quartos do andar superior, uma granada pode ser jogado para baixo antes de descer. Um homem segue rapidamente, coberto por seu parceiro. As vezes será impossível usar a escada. Em tais casos, um buraco no chão serve. Similarmente, uma granada deve ser jogada através deste orifício antes de descer. (EUA, 1944b, p. 87, tradução nossa)

Por fim, o manual FM 31-50 (EUA, 1944b, tradução nossa), descreve uma série de procedimentos para realizar a entrada nos recintos da edificação de forma segura, visto que “se houver motivos para acreditar que um inimigo armado ocupa um quarto, é suicida entrar naquele quarto sem primeiro matar ou neutralizar ele”.

Ao entrar em uma sala que se acredita estar ocupada pelo inimigo, os atacantes devem trabalhar em pares, usando o sistema de “cangas”, com cada homem cobrindo alternadamente os movimentos. Neste sistema, um homem joga a granada no quarto. O outro entra imediatamente após a explosão, fica de costas para a parede com seu armamento pronto para uso imediato e cobre seu parceiro. [...] Antes de lançar granadas nas janelas ou portas, procure ver se elas não estão bloqueadas.

Outra forma descrita é quando se entra pela porta do quarto. Para realizar a entrada o combatente deve se agachar o máximo possível e saltar para um dos



lados da forma, evitando assim ser avejado pelo inimigo, já que, normalmente, o armamento fica apontado para a linha do tórax.

### 3.6.3 O ataque em área edificada no EB

Para a realização de um ataque à localidade, deve-se dividi-lo em três fases: a primeira fase consiste no isolamento da área; a segunda fase é a conquista de uma área de apoio em sua periferia; e a terceira fase é a progressão no interior da localidade (BRASIL, 2018).

A primeira fase se destina ao isolamento ou ao cerco da localidade. O isolamento compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada e saída da área considerada, tem por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados, bem como impedir o retraimento destes. O cerco difere do isolamento pelo grau de controle exercido sobre os movimentos de entrada e saída da área. Caracteriza-se pelo controle total do perímetro da localidade por meio da observação de possíveis vias de acesso de infiltração/exfiltração, quer por meio da ocupação de P Obs, emprego de patrulhas ou uma combinação de ambos, além do bloqueio das vias terrestres e aquáticas (realizado tal como o isolamento) (BRASIL, 2007, p. 4-111).

A principal finalidade da segunda fase é a “captura de prédios em sua orla anterior ou acidentes capitais, a fim de eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor, permitindo ao atacante o deslocamento de suas armas de apoio e reservas” (BRASIL, 2018, p. 3-5).

Para a progressão no interior da localidade, podem-se adotar três métodos de execução: o sistemático, o seletivo e o misto. “No método seletivo pode ser conduzido por intermédio de uma rápida penetração para conquistar regiões-chave da posição defensiva inimiga e, em seguida, executar a limpeza dos pontos fortes”. No caso do sistemático a limpeza é feita casa por casa, de modo que todos os edifícios sejam vasculhados e não permaneça nenhum foco de resistência a retaguarda. O método misto é realizado quando a localidade exige uma combinação das duas formas (BRASIL, 2018).

A zona de ação de um batalhão no ataque a localidade pode variar de 1 a 4 quarteirões, esse valor podendo variar de acordo com a densidade das casas e o dispositivo empregado pelo inimigo. Normalmente na demarcação dos limites as unidades empregam as ruas como referência, de forma que aquela rua fique de responsabilidade de apenas uma fração (IMAGEM 10). Todavia, em regiões menos

densamente construídas, os limites podem passar no meio da rua, sendo a progressão realizada dentro do quarteirão (BRASIL, 2007).

Nos planejamentos, os comandantes devem estar atentos ao espaço aéreo, as áreas de superfície (interior e terraço das construções) e as áreas subterrâneas. Embora separadas no espaço físico, cada área pode conter vias de acesso ou corredores de mobilidade, linhas de comunicações ou áreas de engajamento (BRASIL, 2018).

Os meios blindados são de fundamental importância para o combate em área edificada. Sua mobilidade, poder de choque, proteção blindada e poder de fogo, contribuem de sobremaneira para as operações. Os seus modernos sistemas de tiro permitem engajar alvos a longa distância com precisão, proporcionando um apoio cerrado aos elementos desembarcados. Contudo, os campos de tiro restritos e os diversos obstáculos nas localidades tornam-nos vulneráveis, exigindo um judicioso planejamento para o seu emprego (BRASIL, 2018).

Brasil (2007, p. 4-119) aborda como devem ser empregados os blindados quando em conjunto com a infantaria:

Em virtude da diminuição da sua capacidade de manobra, os carros são atribuídos em reforço aos Btl, onde vão constituir, nível Cia Fuz, as FT. Nessa fase, os carros de combate normalmente atuam como armas autopropulsadas, realizando tiro direto, à curta distância, ou são empregados como armas anticarro. Devem estar bem à frente durante o ataque e serem protegidos pela infantaria contra emboscadas, armas anticarro, minas e caçadores isolados de carros. Raramente precedem a infantaria. Os carros portadores de lança-chamas são empregados na redução de pontos fortes e para compelir os defensores a saírem dos abrigos.

Neste mesmo sentido, Brasil (2018, 3-16) reforça que:

Os carros de combate e as viaturas blindadas são utilizados para neutralizar as posições inimigas pelo fogo dos canhões e metralhadoras e para permitir aos fuzileiros cerrarem sobre o inimigo para destruí-lo. Pode-se utilizar o apoio de fogo dos carros para destruir posições fortificadas e barricadas.

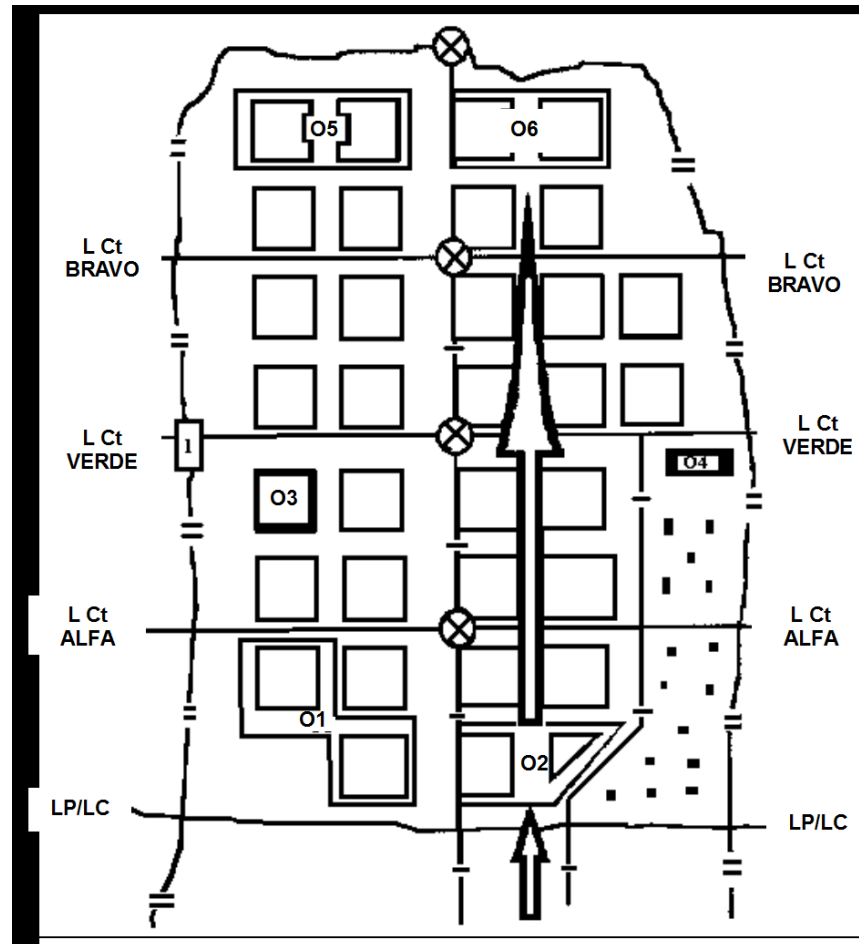


IMAGEM 10 – Esquema de manobra de um batalhão no investimento  
Fonte – BRASIL (2007).

Para o apoio de fogo da artilharia, Brasil (2018, p. 6-4) faz a seguinte descrição:

As operações em área edificada apresentam limitações para o emprego dos meios de apoio de fogo. As construções fornecem excelente cobertura e abrigo ao inimigo, reduzindo a observação. Os objetivos são expostos por breves períodos de tempo, estando, muitas vezes, próximos às forças amigas. Os danos colaterais e os efeitos de entulho devem ser considerados por ocasião da seleção de munições.

Consequentemente, deve-se priorizar o emprego de munições inteligente e de precisão, desta forma evitando fratricídio, minimizando as baixas civis e limitando os danos colaterais.

Normalmente, os batalhões que realizam o ataque à localidade recebem um pelotão de engenharia para atuar em apoio direto. Suas missões prioritárias serão a

limpeza de áreas de minas anticarro, antipessoal e armadilhas, apoiar a mobilidade do 1º escalão removendo obstáculos e executando pequenos reparos nas ruas e, caso necessário, executando demolições (BRASIL, 2007).

### 3.6.3.1 As Técnicas, Táticas e Procedimentos nos dias atuais.

As TTP para o combate em área edificada evoluem a cada dia, pois, a cada missão novos conceitos são incorporados e as técnicas aperfeiçoadas. Logo, é muito importante que os soldados estejam familiarizados com todas as técnicas empregadas, que normalmente são passadas na fase da instrução individual (BRASIL, 2018).

A primeira técnica que todos devem aprender é a progressão dentro da área edificada, Brasil (2017a, p. 2-1) reforça sua importância:

A progressão em área edificada é uma habilidade fundamental que o pelotão deve dominar. Os militares do Pel devem estar plenamente familiarizados com as técnicas de progressão, que devem ser praticadas exaustivamente até que se tornem habituais. Para reduzir a exposição ao fogo inimigo, o militar deve evitar expor sua silhueta e progredir o mínimo em áreas abertas. Para isso, deve escolher a posição coberta mais próxima antes de progredir.

Ao realizar a transposição de um muro, o militar primeiro deve observar o outro lado primeiro e depois realizar um rolamento por cima, mantendo o perfil o mais baixo possível, sem permanecer na vertical.

Para realizar uma observação em segurança, foram incorporadas algumas formas nas TTP. De modo geral elas priorizam a segurança e podem ser empregadas em diferentes ocasiões. As mais empregadas são o olhar americano, o olhar israelense e a observação por faixas (BRASIL, 2017a).

No combate a localidade, a limpeza de um edifício é uma das tarefas mais corriqueiras, nem por isso dever ser negligenciada.

No ataque, o edifício deve ser isolado para evitar fuga ou reforço do defensor. O inimigo deve ser pressionado com carro de combate (CC), metralhadoras e canhão sem recuo. Os caçadores poderão, se possível, prestar apoio. O pelotão deve entrar pelo ponto menos defendido ou através de um buraco feito por elementos do apoio de fogo ou por cargas escorvadas, e, então, vasculhar o edifício. Se o pelotão possuir apoio de aeronaves de asa rotativa, para executar a limpeza, a tropa normalmente aborda rapidamente a cobertura e vasculha e limpa o edifício de cima para baixo (BRASIL, 2017a).

Durante a limpeza de uma construção, a fase mais crítica é a entrada nos cômodos, sendo o momento de maior exposição, uma vez que o inimigo encontra-se esperando. Para quebrar essa desvantagem e atordoar quem se encontra lá dentro, o primeiro procedimento em uma entrada é lançar uma granada ofensiva ou defensiva. Após essa ação os atacantes optam por uma das técnicas de entrada, sendo a escolha dependente do tipo de porta e do posicionamento dos homens do lado de fora. Elas podem ser empregadas por 2 ou 5 homens, sendo a velocidade e a agressividade fator decisivo em todas. São alguns exemplos das técnicas empregadas: entrada em “X”, entrada em “botão”, entrada em “simulado 1”, entrada em “simulado 2” e a entrada em “leque” (BRASIL, 2017a).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção tem por finalidade apresentar e discutir os resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica e documental. Analisaremos as técnicas táticas e procedimentos empregados na Batalha de Montese, concluindo sobre a sua importância para a evolução da doutrina de combate a localidade do Exército Brasileiro.

Por intermédio de uma acurada revisão da literatura, em que foram reunidas as principais fontes, inclusive primárias, conseguimos abordar os aspectos mais relevantes relacionados ao resultado obtido na conquista de Montese. Em função disso, foi possível alcançar uma visão teórica ordenada sobre o tema em estudo e sobre as questões que o envolve.

Nos diversos documentos pesquisados, foram encontradas fontes autênticas e fiéis suficientes para dar suporte à discussão que teve como foco solucionar e responder às questões de estudo formuladas. Portanto, as informações aqui expostas servirão de base para futuras conclusões, solucionando o problema de pesquisa proposto.

Deste modo, nós próximos tópicos apresentaremos as questões levantadas que se mostraram mais relevantes para o nosso estudo.

### 4.1 A MOBILIZAÇÃO DA FEB

A mobilização dos seus recursos humanos é um fator de extrema importância nos exércitos modernos. Em vista disso, uma seleção bem feita e um recrutamento adequado minimizam problemas futuros, fornecendo às Forças Armadas soldados capazes de lidar com as diversas situações a serem vivenciadas.

Porém, a FEB enfrentou grandes dificuldades no seu recrutamento. A mudança da organização das unidades para o padrão americano e as exigências sanitárias foram os fatores que mais contribuíram para o atraso verificado na seleção dos homens.

A Doutrina Norte-Americana exigia uma quantidade superior de soldados qualificados e especializados se comparado com Doutrina Militar Francesa, empregada pelo Exército Brasileiro. Verificou-se, então, que o Brasil não possuía soldados da ativa e reservistas em quantidade suficiente para suprir essas vagas,

sendo necessária a formação e a convocação de elementos especialistas capazes de suprir a demanda. A capacidade cognitiva era fator preponderante na seleção dos homens, entretanto, a maioria da população brasileira era analfabeta e vivia em áreas rurais, restringindo o escopo da seleção.

Outro fator que influenciou na seleção dos recursos humanos foi a rigorosa inspeção de saúde exigida pelos americanos. A fim de se evitar futuros repatriamentos por problemas médicos que poderiam ser identificados já na seleção, o militar deveria ter uma saúde perfeita. Novamente, essa questão se relaciona com a distribuição da população brasileira entre área rural e urbana, tendo em vista que, normalmente, os oriundos das cidades possuem melhor higidez.

Ao final do recrutamento, o panorama que se tinha era que a maioria dos convocados era proveniente de zonas urbanas, com padrões de saúde e educação superiores aos encontrados no Exército em tempos de paz.

#### 4.2 PREPARO E ADESTRAMENTO

O Exército Brasileiro encontrava-se defasado com relação ao adestramento, pois, devido à ausência de participação em conflitos armados desde a 1ª Guerra Mundial, o estado de prontidão das suas tropas havia diminuído. Segundo o Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2007), o Princípio de Guerra Prontidão fundamenta-se na “organização, no adestramento, na doutrina, nos meios e no profissionalismo das forças”. Contudo, devido à necessidade da mudança da Doutrina Militar Francesa para a Doutrina Militar Americana, apenas o fator “profissionalismo das forças” poderia ter sido alcançado nos períodos anteriores a Guerra. Mas, verificou-se que até mesmo isso se encontrava deficiente a época. Devido a esse quadro, era necessário que as tropas passassem por todo processo de formação e capacitação, principalmente pelas peculiaridades da nova forma de emprego e pela diferença do material de emprego militar que seria adotado com as mudanças na doutrina.

A 1ª fase do 1º Período de instrução visava mitigar parte dessas questões, dando ênfase na instrução individual. Segundo o SIMEB (BRASIL, 2018) a instrução individual “destina-se a habilitar o conscrito para o desempenho das funções correspondentes ao cargo que vai ocupar no QCP da OM, tornando-o capaz de ser integrado aos diversos grupamentos que constituem a Organização Militar”. Esta

fase é de extrema importância para o combate à localidade, pois é nela que se desenvolvem as TTP para as diversas situações de emprego. Dentre as instruções ministradas nessa fase as que mais se relacionam com o preparo para o combate a localidade, são a pista de transposição de obstáculos e o tiro com todas as armas. Logo, uma boa instrução individual é tão importante quanto um bom adestramento.

Na 2ª fase do 1º período e no 2º período de instrução o objetivo era o preparo da fração constituída. Entretanto, devido à baixa disponibilidade dos armamentos no Brasil, essa preparação só pode ser completamente executada já na Itália. As instruções nesse período deram grande ênfase no tiro com armamentos e realização de manobras simuladas. As tropas brasileiras realizaram exercícios de combate em todos os escalões, executando todos os tipos de combates previstos nos regulamentos do Exército.

Por fim, houve os adestramentos realizados durante as operações, que buscavam colher os ensinamentos aprendidos e repassar ao restante da tropa. Foi dada grande ênfase as ações de patrulha e na condução do tiro de artilharia, importantes ações desenvolvidas para a conquista de uma localidade.

#### 4.3 A TOMADA DE MONTESE

Nesta seção será feita uma análise sobre o ataque à vila de Montese, buscando relacionar as ações empregadas com os procedimentos previstos nos atuais manuais do Exército Brasileiro sobre o assunto.

O I/11º RI estava com a missão secundária do Regimento, deveria conquistar Montese e cobrir o flanco oeste do II/11º RI no ataque principal. Essa intenção está de acordo com as possíveis razões que levem à conquista de uma localidade, neste caso a eliminação de uma possível ameaça nos flancos.

No cumprimento da sua missão, observou-se que o Cmt do batalhão constituiu uma força que isola e uma força que investe na localidade. Esta decisão pode ter sido tomada em decorrência do tamanho da cidade, o que possibilitaria que ele cumprisse as duas atividades de forma adequada.

O cerco à localidade, primeira fase do ataque, realizada na noite do dia 13 para o dia 14, ficou caracterizado pela ocupação linha P Cot 806 – P Cot 810 – MONTAURIGOLA, que também serviria de linha de partida. Uma diferença que podemos observar em relação ao que pregam os manuais atuais é que a cidade não



ficou completamente isolada, todavia, dessas posições era possível apoiar pelo fogo o investimento. Essa missão ficou sob-responsabilidade da 1ª companhia reforçada com uma seção de metralhadoras .30.

A 2ª fase do ataque a Montese pode ser confundida com as duas fases subsequentes ao ataque à localidade. Segundo o planejamento do comandante do batalhão, não havia distinção entre a conquista de uma área de apoio e a progressão no interior da localidade, entretanto, durante a execução pôde-se observar esses dois momentos (SOUZA, 2005).

Devido ao tamanho e características da localidade, o ataque foi realizado por uma companhia em primeiro escalão apoiada por elementos de engenharia para limpeza dos campos de minas e sob proteção dos fogos de apoio da companhia de petrechos pesados.

Ao iniciar a 2ª fase, o pelotão que se encontrava à direita do dispositivo ficou detido em um campo minado e por tiros de artilharia, e não conseguiu alcançar a orla de Montese. O pelotão do Ten Iporan prosseguiu e conseguiu desbordar as resistências inimigas, atingindo a localidade por SW, surpreendendo os defensores. Ao realizar tal manobra, ele conquistou a primeira linha de casas, restringindo a observação e os campos de tiro sobre as tropas brasileiras. Essa conquista permitiu que o pelotão se reorganizasse e recebesse reforços para prosseguir no ataque (SOUZA, 2006).

Após a chegada dos reforços com o Cmt da 2ª Cia, iniciou-se a 3ª fase do ataque, progressão no interior da localidade e limpeza. A progressão foi realizada de forma seletiva e buscava conquistar as principais áreas da cidade de forma que o inimigo não pudesse atuar sobre o flanco do III/11º RI e garantir o domínio sobre as regiões-chaves, possibilitando resistir a possíveis contra-ataques e ultimar a limpeza (BRASIL, 1945d).

Toda a ação da Cia foi realizada sem o apoio dos blindados americanos, que acabaram detidos por campos minados e desistiram de se aproximar da cidade. Isso difere da doutrina atual que prevê, sempre que possível o emprego de forças tarefas infantaria-carro para o cumprimento de ações contra localidades.

Apesar de dominada, ainda existiam dentro de Montese focos de resistências, por isso a necessidade de ultimar a limpeza. Ela transcorreu até o dia posterior a conquista, recebendo o apoio de um pelotão de engenharia para a desativação de

armadilhas e foi realizada de casa em casa, em consonância com o que prescreve o manual C 7-20.

#### 4.4 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL X DIAS ATUAIS

Após ser analisada a atuação da FEB na conquista de Montese, nesta seção buscaremos relacionar os procedimentos empregados no ataque à localidade praticados na 2ª Guerra Mundial com o que consta na forma de emprego nos dias atuais para o Exército Brasileiro.

##### 4.4.1 Características das operações em áreas edificadas

As características das operações em áreas edificadas permanecem as mesmas descritas no capítulo 3. Cabe ressaltar, entretanto, que durante a 2ª Guerra Mundial, as forças combatentes davam uma grande relevância apenas para a dimensão física do ambiente operacional, ao contrário dos dias atuais, em que se deve dar igual atenção as três dimensões, a humana, informacional e a física.

Nos próximos subtópicos abordaremos as principais diferenças encontradas nas Funções de Combate Inteligência, Movimento e Manobra, Comando e Controle e Fogos.

##### 4.4.1.1 Função de Combate Inteligência

Pode-se verificar bastante similaridade nas formas de obtenção de informações para a realização do ataque. Em ambos os casos, dá-se grande destaque para o emprego de fontes humanas para uma melhor compreensão do ambiente operacional, porém dão menor importância aos levantamentos das considerações civis.

Um fator de destaque nos dias atuais é a grande variedade de meios para a Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA) que podem ser empregados para os levantamentos necessários, o que reduziria a necessidade de realização de ações agressivas de reconhecimento. Entretanto, cabe ressaltar, que devido a maior possibilidade do inimigo se esconder na cidade, os meios eletrônicos não são os mais confiáveis para esse tipo de levantamento.

#### 4.4.1.2 Função de Combate Movimento e Manobra

Nos manuais da 2ª Guerra vimos o ataque à localidade como um ataque a uma posição fortemente defendida, que favorecia o defensor, desta maneira, inicialmente um ataque direto a uma cidade deveria ser evitado, desbordando ou isolando, para que a tropa prosseguisse sem riscos para ações na retaguarda. De certa forma essa ainda é a visão que consta nos manuais atuais. Consequentemente, devido a menor preocupação com as considerações civis e com a opinião pública, uma das alternativas para lidar com uma cidade era realizar ações incendiárias. Hoje em dia esse tipo de ação torna-se impraticável, tendo em vista a destruição que causaria ao patrimônio e as pessoas, implicando na perda do princípio de legitimidade das Forças Armadas.

Decidido pelo ataque, inicia-se no planejamento da Manobra.

Nas fases da operação verifica-se uma diferença. Nos manuais de 1944 são observadas duas fases da manobra, sendo a primeira a conquista de uma área de apoio na periferia e a segunda a progressão no interior da localidade. Atualmente, além das duas fases, que apresentam as mesmas características, temos uma terceira, o isolamento da localidade, que deve ocorrer antes das outras duas.

Com relação à marcação das zonas de ação as orientações são as mesmas, um batalhão deve receber de 1 a 4 quarteirões, sendo essa variação ocorrendo devido aos mesmos fatores, valor do inimigo, densidade das construções e a resistência esperada.

No que se refere aos limites entre as SU, levam em consideração os mesmos fatores e são estabelecidos da mesma forma.

O emprego da reserva ocorre da mesma forma, todavia nos combates modernos ela deve se posicionar o mais próximo possível das unidades em primeiro escalão, o que não ocorreu na ação da FEB em Montese.

Uma grande diferença que se observa é com relação à marcação de objetivos. Nos combates praticados na Segunda Guerra, eles classificavam como objetivo qualquer linha que cruzasse a direção de deslocamento, e que tinha por objetivo coordenar a progressão no interior da localidade. Na doutrina atual do Exército Brasileiro essas linhas são classificadas como linhas de controle e possuem finalidades similares. Além dessas linhas, temos três tipos de objetivos, quais sejam

os na orla anterior, na orla posterior e no interior da localidade e todos devem ser conquistados, antes de se prosseguir com as ações.

No que tange às dimensões nas quais são realizados os combates, verifica-se que a forma de emprego em 1944 já previa a multidimensionalidade, sendo a utilização de três dimensões. Os manuais previam a realização das ações no nível das ruas, no subsolo e por cima dos prédios (EUA, 1944b). Os manuais atuais descrevem as mesmas dimensões, porém, devido à criação dos helicópteros, ainda preveem uma quarta dimensão, a aérea, que não era levada em conta anteriormente (BRASIL, 2018).

Com relação ao emprego de viaturas blindadas constata-se uma grande diferença. Os manuais americanos da época detalham pouco quanto ao seu emprego, considerando como principal missão que os blindados fiquem em reserva para missões específicas, normalmente repelir contra-ataques inimigos. Os veículos blindados também poderiam ser empregados como plataformas de tiro autopropulsadas para suporte de fogo nas ações da infantaria, inclusive com o uso de lança-chamas (EUA, 1944b). Na doutrina atual recomenda-se, sempre que possível, empregar o binômio carro-infantaria, constituindo forças tarefas para o ataque a localidade. Os veículos blindados podem ser empregados em todas as fases do ataque e os seus modernos sistemas de tiro permitem neutralizar os alvos com menor dano coletaral (BRASIL, 2018).

#### 4.4.1.3 Função de Combate Comando e Controle

O Comando em Controle nas operações em ambiente urbano apresenta grandes dificuldades. A visibilidade restrita e a canalização do movimento pelas ruas impedem que o comandante tenha total controle sobre a localização da tropa, além disso, as construções se tornam obstáculos que reduzem a eficiência dos equipamentos (BRASIL, 2018).

No ataque a Montese, após perder o contato com o Cmt Cia, o Ten Iporan empregou seu mensageiro para que avisasse que o pelotão se encontrava em Montese. Desse modo, durante a Segunda Guerra Mundial, o principal meio de comunicação empregado no ataque à localidade eram os mensageiros, que podiam se valer dos diversos caminhos desenhados para levar suas mensagens.

Na atualidade, com o advento de novas tecnologias, o rádio se tornou o principal meio de comunicações. O uso de repetidores, postos de comando aéreos e comunicações por satélite ajudam a minimizar os efeitos causados pela interferência dos prédios.

#### 4.4.1.4 Função de Combate Fogos

Na Função de Combates Fogos, a principal diferença que se observa com relação aos manuais consiste no emprego da artilharia. Nas ações que vemos no ataque a Montese, com emprego de concentrações sobre a cidade, provavelmente teria um efeito indesejado. Nos combates modernos existe o amplo emprego das munições inteligentes, de precisão e mísseis guiados, visando minimizar as baixas civis e reduzir os danos colaterais. O emprego de medidas de coordenação de fogos de caráter restritivo visa impedir destruições desnecessárias em estruturas de valor cultural, religioso e social.

#### 4.4.2 As Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP)

Nos combates em ambiente urbano, o emprego adequado das TTP é de extrema importância. Com o aumento dos conflitos nas cidades esses procedimentos também se desenvolveram, mas a base da forma de atuar pode ser vista já nos conflitos da Segunda Guerra. Durante a nossa pesquisa, não foi possível identificar as TTP empregadas pela FEB durante o ataque a Montese, deste modo faremos uma comparação com o que preconiza o manual americano lançado durante a guerra.

Nas técnicas de tiro, o FM31-50 enfatiza a necessidade de o atirador saber empregar as duas mãos para que ele tire melhor proveito dos abrigos encontrados na cidade, evitando ficar exposto. Essa mesma necessidade é vista nos dias atuais.

Na mesma publicação, observamos similaridade no processo de progressão dos homens, que devem verificar qual abrigo seguir antes de iniciar o movimento. Preferencialmente, a tropa devia se deslocar pelo interior das construções assim evitando o movimento canalizado pelas ruas. Não sendo possível esse tipo de deslocamento, a melhor opção era se deslocar pelas laterais das ruas de forma abrigada. Um grande avanço na forma de deslocamento foi a sistematização, com o

emprego da técnica de progressão ponto-a-ponto, que proporciona maior segurança e poder de fogo.

Com relação à limpeza de edifícios, as TTP apresentadas são quase idênticas. Em ambos os casos, a eliminação do inimigo deve ser feita de preferência de cima para baixo, e as formas empregadas para se alcançar os andares superiores pouco diferem. Todavia, novamente, houve um avanço na técnica e na sistematização dos procedimentos, como o emprego de 4 homens para realizar as entradas, que permitiu dominar os cômodos de forma mais segura.

Outro ponto relevante apresentado para as TTP atuais foram as técnicas de observação, que permitem ao combatente identificar as ameaças e verificar sua segurança sem estar submetido a uma exposição excessiva.

## 5 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A presente dissertação teve o objetivo de analisar as influências da batalha de Montese sobre a doutrina de combate em área edificada do Exército Brasileiro.

Para responder os questionamentos a que se propôs, esse trabalho aprofundou-se em fontes primárias variadas, em livros e artigos científicos, obtendo desta forma um vasto cabedal de conhecimento sobre os questionamentos formulados.

Buscou-se realizar um estudo sobre o ataque a Montese e, para tanto, foram estudadas as circunstâncias da sua criação e como se deu seu preparo. Para melhor compreender as operações em área edificada, realizou-se, também, um comparativo entre o que prescrevia a doutrina americana na 2ª Guerra Mundial e os preceitos atuais conformados pelo Exército Brasileiro. Desta forma, respondemos a todas as questões de estudo propostas.

É vasta a literatura que aborda a participação dos pracinhas nos campos da Itália, porém poucos são aqueles que tratam sobre o combate em área edificada, exigindo seleção criteriosa das fontes de consultas.

Historiadores, ex-combatentes e entusiastas contribuíram para manter vivos os feitos dos nossos veteranos, sendo consensual que a FEB chegou à Europa desarmada, mal fardada e com baixo nível de adestramento.

Apesar das grandes dificuldades, os soldados brasileiros tiveram um excelente desempenho na guerra, sendo elogiados por aliados e inimigos. Dentre os grandes feitos, destaca-se a Batalha de Montese, combate mais sangrento do Brasil na Itália.

A Batalha, que durou quatro dias, apresentou uma novidade aos febianos - o combate em área edificada. Não ficou claro, durante as pesquisas, se os pracinhas realizaram algum adestramento para esse tipo de operação.

O ataque à localidade não era algo novo, tendo ocorrido em várias ocasiões durante a guerra, sendo o caso mais emblemático a Batalha de Stalingrado. Devido a essa importância, em 1944, o Exército Americano já possuía publicação específica sobre o tema e o assunto era abordado em diversos manuais, com mais ou menos detalhamento.

Diante desses fatos, é possível acreditar que a FEB, apesar da ausência de experiência prática, possuía algum adestramento nesse tipo de operação, sendo a forma de emprego de conhecimento dos líderes de diferentes níveis. Ademais, o

combate em área edificada, durante a sua primeira fase, apresenta os mesmo aspectos de um ataque às posições fortificadas, o que com certeza não era estranho aos brasileiros.

Outro fato que corrobora com esse ponto de vista é a presença do pelotão de choque, que foi criado pela seleção dos melhores homens do I/11º RI, e cumpriu uma gama de missões, dentre elas a limpeza das casas em Montese.

Durante o exame da forma de emprego executada em Montese, tomando-se por base os manuais americanos da época e as publicações atuais, fica evidente a similaridade. A Doutrina Militar Americana exerceu forte influência na elaboração da Doutrina Militar Brasileira, sendo a FEB, indubitavelmente, a precursora nesses ensinamentos, tendo colaborado para o aperfeiçoamento e profissionalismo do Exército Brasileiro.

Em se tratando das TTP, nos dias atuais observa-se uma evolução das que foram empregadas em 1945. As guerras que ocorreram de lá pra cá impulsionaram o desenvolvimento dessas habilidades, que são extremamente necessárias.

Logo, pode-se inferir que as bases doutrinárias são as mesmas, havendo, contudo, nos dias atuais, uma melhor sistematização das técnicas empregadas, o que proporciona maior segurança e efetividade.

Desta forma, conclui-se que a Batalha de Montese influenciou de forma significativa a doutrina de combate em área edificada do Exército Brasileiro. Diversos foram os ensinamentos e contribuições repassadas por aqueles que venceram a batalha mais sangrenta da FEB. Cabe destacar que esse estudo contribuiu sobremaneira para melhor entendimento dessas influências, assim como valorizou os feitos dos heróis de Montese.

Entretanto, em decorrência do curto tempo dispensado para pesquisa, não foi possível debruçar-se sobre o estudo de outras batalhas praticadas pela FEB ou pelos exércitos Aliados que foram travadas em área edificadas. Tais análises promoveriam valorosas comparações com os conflitos travados nos dias atuais, e seguem como sugestão no prosseguimento dos estudos.

Assim também, recomenda-se pesquisar como foi realizada a difusão dos conhecimentos adquiridos pelos pracinhas na Segunda Guerra Mundial para as unidades não febianas do Exército Brasileiro. Verificar-se-ia, desta forma, como foi a retransmissão das lições aprendidas nos campos de batalha da Itália.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Hugo de Andrade. **A Ação do III/11º RI em Montese**. A Defesa Nacional Ano XXII, setembro de 1946.

AMAN, Exército Brasileiro. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2008.

AMARAL, Mario, et alii. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

BRANCO, TC Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRASIL. Exército Brasileiro. **EB70-CI-11.408: O pelotão de fuzileiros no combate em área edificada**. 2ª edição. Brasília, 2017a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **EB70-MC-10.223: Operações**. 5ª Edição. Brasília, 2017b.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **EB70-MC-10.333: Operação em área edificada**. 1ª edição. Brasília, 2018.

BRASIL. \_\_\_\_\_. **C7-20: Batalhões de Infantaria**. 3ª Edição. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Relatório do Cmt da 1ª DIE**. Rio de Janeiro, 1945a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Relatório da 3ª Seção da 1ª DIE**. Rio de Janeiro, 1945b.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Relatório do 6º RI durante a 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 1945c.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Relatório do 11º RI durante a 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, 1945d.

\_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. **MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas**. 4ª edição. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Manual de abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas das forças armadas**. 3ª Edição, Brasília, 2008.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A Verdade Sobre a FEB**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CARDOSO, Waldemar Levy. In: MOTTA, Arilcides de Moraes (Coord.). **História oral do Exército na segunda guerra mundial - Tomo 1**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2001, 304 p.

EsAO, Exército Brasileiro. **Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos e dissertações**. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2013, 108 p.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of US Army. **FM 3-06 Urban Operations**. Washington, 2006.

\_\_\_\_\_. U.S. Army Center of Military History. **Po valley**. 1995. Disponível em: <<https://history.army.mil/brochures/po/72-33.htm>>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

\_\_\_\_\_. War Department. **FM 7-5 Infantry Field Manual: organization and tactics of infantry, the Rifle Battalion**. Washington, 1940.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **FM 7-20: Infantry Battalion**. Washington, 1944a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **FM 31-50: Attack on fortified position and combat in towns**. Washington, 1944b.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6ª Edição. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1998.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A estrada para Forno: a FEB - Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, Biblioteca do Exército Ed., 2011, 372 p. (Coleção General Benício, 477).

GONÇALVES, José; MAXIMIANO, César Campiani. **Irmãos de arma: um pelotão da FEB na II guerra mundial**. 1ª Edição. São Paulo: Codex, 2005.

JUNIOR, Domingos Ventura Pinto; JUNIOR, José Dinoá Medeiros. **A Conquista de Monte Castelo e La Serra**. Porto Alegre: Genesis, 2001.

MAXIMIANO, César Campiani e BONALUME, Ricardo. **Brazilian Expeditionary Force**. Reino Unido: Oxford, 2011.

MCCANN, Frank D. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009.

MENDES, Wilson Teixeira. **A Escola americana de treinamento e comando de pelotão de Santa Ágata dei Goti – Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1949.

MESQUITA, Alex Alexandre de. **O combate urbano: como organizar as unidades de combate da Brigada Blindada, para o investimento a uma localidade, baseado no estudo das campanhas em Beirute (1982), Grozny (1994) e Bagdá (2003)**. 2008. 16f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CombateUrbano.pdf>>. Acesso em 04 Abr 2018

METRE, Thales Rabelo. **A influência da missão militar francesa na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, durante a sua vigência.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2017. Disponível em: <<http://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/1/1108>> acesso em 01 Abr 2018.

MIKOLASHEK, Jon. **Flawed, but essential:** Mark W. Clark and Italian Campaign in World War II. 2007. Dissertação (Doutorado em filosofia) - The Florida State University, 2003. Disponível em:<<https://fsu.digital.flvc.org/islandora/object/fsu:180642/datastream/PDF/view>>. Acesso em: 04 Abr 2018.

MONTEIRO, Marcelo. **U507:** o submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2013, 256 p. (Coleção General Benício, 498).

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005, 352 p. (Coleção General Benício, 416).

\_\_\_\_\_. **Memórias.** 3ª Edição. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2014, 440 p. (Coleção General Benício, 511).

MOREIRA, Regina da Luz. **1944:** O Brasil vai à guerra com a FEB. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>> acesso em: julho de 2019.

NEVES, Eduardo Borba; DOMINGUES, Clayton Amaral (Org). **Manual de metodologia da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Pessoal, 2007, 204 p.

PALHARES, Gentil. **De São João Del Rei ao Vale do Pó:** documentário histórico das ações do 11º, 6º e 1º RI. São João del-Rei, 1951.

PIASON, José Alfio, et alii. **Depoimento de Oficiais da Reserva sobre a FEB.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.

PONTES, João Germano Andrade. In: MOTTA, Aricildes de Moraes. (coord.). **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial – Tomo 2.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; 2001.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **Metodologia da pesquisa científica:** elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2006, 130 p.

SAVIAN, Elonir José; LACERDA, Paulo Henrique Barbosa. **Manual Escolar de História Militar Geral,** 1ª Edição. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2009.

SERIACOPI, Reinaldo; AZEVEDO, Gislane. **História:** volume único. 1ª Edição. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

SOUZA, Simonal Silva de. **Batalha de Montese**. 1ª Edição. Niterói: Primyl Ed., 2005.

## GLOSSÁRIO

**Acampamento:** Forma de estacionamento em que a tropa se instala, temporariamente, em grupo de barracas ou outros tipos de proteção contra intempéries.

**Ação principal:** Ação caracterizada pelo ataque principal e o(s) ataque(s) secundário(s) mais importante(s), e também pelo apoio ao combate decorrente, realizada. O mesmo que esforço principal.

**Ação secundária:** Ação caracterizada pelo(s) ataque(s) secundário(s) menos importante(s) - fixação, manutenção do contato, dissimulação, outros – além do apoio ao combate decorrente, realizada na frente de ataque onde não se espera obter sucesso decisivo no combate ofensivo. O mesmo que esforço secundário.

**Acidente capital:** Qualquer acidente de terreno ou área cuja conquista, manutenção ou controle proporcione acentuada vantagem a qualquer das forças oponentes.

**Adestramento:** Atividade final da instrução militar na tropa, que objetiva a formação dos diversos agrupamentos de homens, com equipamentos e armamentos (pequenas frações, frações, subunidades, unidades e grandes unidades), para a eventualidade de emprego, como instrumento de combate. na frente de ataque selecionado.

**Ambiente Operacional:** Conjunto de condições e circunstâncias que afetam o emprego das forças militares e influem nas decisões do comandante.

**Apoio de fogo:** Ato ou efeito de fogo sobre determinados alvos ou objetivos, realizado por elemento, unidade ou força, para apoiar ou proteger outros elementos, unidade ou força.

**Aproveitamento do êxito:** Tipo de operação ofensiva que se segue a um ataque bem sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga encontra-se em dificuldades para manter suas posições, visando anular sua capacidade de reorganizar-se ou de realizar um movimento retrógrado.

**Assalto:** Ataques curtos e violentos, mas bem ordenado contra um objetivo, culminando no choque com o inimigo em suas posições.

**Ataque:** Ato ou efeito de dirigir uma ação ofensiva contra o inimigo.

**Ataque frontal:** Forma de manobra ofensiva, que consiste em um ataque incidindo ao longo de toda à frente, com a mesma intensidade, sem que isto implique no emprego de todos os elementos em linha, empregando um poder de combate esmagador sobre um inimigo consideravelmente mais fraco ou desorganizado, para destruí-lo ou capturá-lo, ou para fixá-lo numa ação secundária.

**Ataque principal:** Ataque por meio do qual é lançada a maioria dos meios disponíveis, por força a que represente o esforço principal, para a conquista de determinado objetivo.

**Ataque secundário:** Qualquer ataque de menor importância em relação ao ataque principal. Caracteriza-se, em relação ao ataque principal, por receber uma frente normalmente maior e uma menor dosagem de meios. No ataque coordenado, pode ser realizado por um ou mais dos elementos de manobra da força atacante, com a finalidade de criar condições e contribuir para o êxito do ataque principal.

**Barragem:** Barreira de fogos previstos, destinada a proteger forças amigas, impedindo o movimento do inimigo através das linhas e áreas defensivas.

**Barreira:** Série contínua de obstáculos, coordenada com a manobra tática, destinada a canalizar, retardar ou impedir o movimento do inimigo numa determinada direção.

**Batalha:** Consiste numa série de combates relacionados e próximos, no tempo e no espaço, realizados no nível tático. As batalhas compreendem uma ou mais operações táticas e se materializam por meio de operações e ações táticas.

**Blindado:** Meio sobre rodas, sobre lagartas ou sobre ambos, que possui blindagem que lhe permite aproximar-se do inimigo relativamente protegido dos efeitos dos tiros das armas portáteis, estilhaços de granadas e, até certo grau, dos efeitos das armas químicas, bacteriológicas e nucleares.

**Brecha:** Passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para permitir a passagem de pessoal ou tropas.

**Brigada:** Grande Unidade básica de combinação de armas, integrada num conjunto equilibrado por unidade de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuar independentemente e de durar na ação.

**Calco de operações:** Documento de estado-maior, normalmente integrante de um plano ou ordem de operações, onde são representados o esquema de manobra, as instalações e os órgãos de comando e apoio essenciais do escalão considerado.

**Campanha:** Conjunto de operações militares a serem desencadeadas como parte de uma grande operação militar, subdividida normalmente em fases, visando a um determinado fim.

**Cerco:** Completo isolamento que uma força impõe ao adversário, impedindo seu retraimento e fuga em qualquer direção e cortando-lhe o recebimento de reforços e suprimentos, buscando sua capitulação, rendição pelo sítio ou destruição pela redução em força.

**Chefe da 3ª seção:** É o principal assessor do Cmt em assuntos pertinentes à organização, à instrução e ao adestramento e, principalmente, às operações. Orienta e auxilia outros oficiais do EM nos aspectos operacionais de suas atividades funcionais

**Cobertura:** 1. Ação que proporciona segurança à determinada área, tropa ou força, evitando a ação e a observação inimiga. 2. Abrigo contra observação ou os fogos do inimigo.

**Cobrir:** Ação ou conjunto de ações táticas que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos, unidades ou forças distanciados, orientados na direção do inimigo, para evitar que o mesmo possa atuar prematuramente sobre a região ou força coberta.

**Combate:** Ação militar de objetivo restrito e limitado, realizada de maneira hostil e direta contra o inimigo.

**Combate aproximado:** Ação militar violenta, caracterizada pelo choque entre combatentes opostos, na qual são empregadas armas de fogo de variados tipos, arma branca e, até mesmo, a luta corpo-a-corpo, que ocorre na fase de assalto a uma posição, visando destruir, capturar, repelir ou expulsar o inimigo.

**Combate casa a casa:** Combate realizado em área edificada onde os combatentes entram em todas as edificações de uma área para realizar a neutralização dos inimigos existentes.

**Concentração de fogos:** Volume de fogo colocado sobre uma área delimitada em um dado período de tempo.

**Contra-atacar:** Ação ofensiva, temporária e local, desencadeada por parte ou pela totalidade de uma força defensora, para conquistar terreno perdido ou para isolar, desorganizar ou destruir forças atacantes.

**Cota:** Número que exprime a altura de um ponto em relação a um plano horizontal de referência. Nas cartas topográficas, é expresso em metros e tomado a partir do nível do mar.

**Crista:** Linha, no terreno, segundo a qual uma elevação se projeta contra o fundo.

**Direção de ataque:** Direção, fixada em planos ou ordem de operações, que indica o itinerário aproximado ao longo do qual um comandante deseja que o comandante subordinado oriente seu ataque principal.

**Diretiva de instrução:** Comunicação oral ou escrita em que se estabelece determinada orientação ou se rege ação, conduta ou procedimento para o desenvolvimento da instrução militar.

**Doutrina militar:** Conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas. Englobam, ainda, a administração, a organização e o funcionamento das instituições militares.

**Engajamento:** 1. Ato de iniciar combate com força inimiga. 2. Situação em que se encontra uma força desdobrada e em contato com o inimigo.

**Escalão:** Qualquer das frações de um conjunto militar articulado em profundidade.

**Escalão de ataque:** Conjunto de elementos previstos no plano de manobra do comandante para executar as ações de combate necessárias ao cumprimento da missão de ataque.

**Esquema de manobra:** Representação gráfica dos elementos essenciais de uma linha de ação para o cumprimento de uma missão tática ou estratégica.

**Estacionamento:** Parada de uma tropa, em determinada região.

**Estado de prontidão:** Princípio de Guerra que se define como a capacidade de pronto atendimento das Forças Armadas para fazer face às situações que podem ocorrer em ambiente de combate. A prontidão fundamenta-se na organização, no adestramento, na doutrina, nos meios e no profissionalismo das forças, consubstanciando-se nas seguintes funções militares: comando, inteligência, planejamento, operações, logística e mobilização.

**Estado maior:** Órgão composto de pessoal militar qualificado, que tem por finalidade assessorar o comandante no exercício do comando.



**Fixar:** Ação tática, normalmente ofensiva e de profundidade limitada, que visa a impedir o desengajamento do inimigo em contato, das próprias reservas e dos meios de apoio.

**Fogo:** Execução do tiro com finalidade tática, de acordo com a doutrina e os planos estabelecidos.

**Força-tarefa:** Grupamento temporário de forças, de valor unidade ou subunidade, sob um comando único, formado com o propósito de executar uma operação ou missão específica, que exija a utilização de uma forma peculiar de combate em proporções adequadas.

**Fração constituída:** Tropa com efetivo mínimo de um pelotão, atuando em conjunto.

**Função de combate:** Conjunto relativamente homogêneo de atividades e tarefas afins, que atendem a uma finalidade comum, além dos sistemas empregados na sua execução (pessoas, organizações, informações e processos), que orientam o preparo e o emprego dos meios no cumprimento de suas missões.

**Função de combate comando e controle:** Compreende o conjunto de atividades mediante as quais se planeja, dirige, coordena e controla o emprego das forças e os meios em operações militares. Constitui o elo que une os escalões superior e subordinado.

**Função de combate movimento e manobra:** Conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, empregados para deslocar forças, de modo a posicioná-las em situação de vantagem em relação às ameaças.

**Função de combate inteligência:** Conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados empregados para assegurar compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), os oponentes, o terreno e as considerações civis.

**Função de combate fogos:** Atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados que permitem o emprego coletivo e coordenados de fogos cinéticos e não cinéticos, orgânicos da Força ou conjuntos, integrados pelos processos de planejamento e coordenação de fogos.

**Garantia da lei e da ordem:** Atuação coordenada das Forças Armadas e dos Órgãos de Segurança Pública na garantia da lei e da ordem, por iniciativa de quaisquer dos poderes constitucionais, possui caráter excepcional, episódico e temporário. Ocorrerá de acordo com as diretrizes baixadas em ato do Presidente da

República, depois de esgotados os instrumentos destinados à preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio. A decisão presidencial para o emprego das Forças Armadas nessa situação poderá ocorrer diretamente por sua própria iniciativa ou por solicitação dos chefes dos outros poderes constitucionais, representados pelos Presidentes do Supremo Tribunal Federal, do Senado Federal ou da Câmara dos Deputados.

**Grupos narco guerrilheiros:** Grupos associados de traficantes de drogas e guerrilhas revolucionárias.

**Grupos separatistas:** Grupos que lutam para que determinada área seja desanexada de outro país, e passe a ser um país próprio e autônomo.

**Grupos terroristas:** Grupos que empregam a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou mesmo toda a população a adotar determinado comportamento. É motivado e organizado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais.

**Infiltração:** Técnica de movimento, realizado de modo furtivo, com a finalidade de concentrar pessoal e/ou material em área hostil ou sob controle das forças adversas, visando à realização de operações militares.

**Instrução militar:** Atividade fundamental, no processo de formação, que visa a habilitar o indivíduo para o desempenho das funções correspondentes aos cargos militares, tornando-o capaz de ser integrado aos diversos agrupamentos que constituem uma organização militar.

**Investimento de localidades:** Fase do combate em área edificada que consiste no avanço ordenado e metódico, edificação por edificação, quarteirão por quarteirão, através das mencionadas áreas.

**Isolamento:** Ação militar que visa a impedir o livre trânsito de tropas, civis, equipamentos ou suprimentos, entre determinadas áreas, por meio da ocupação de pontos ou regiões importantes, fogos, destruições ou outros processos adequados.

**Jeep:** Veículo militar de emprego geral com tração 4x4.

**Lança-chamas:** Aparelho mecânico desenhado para projetar líquido inflamável, formando uma chama longa e controlável.

Lend-lease: Acordo que possibilitava aos EUA emprestar material militar e suprimento a qualquer país, tendo como garantia de pagamento futuro os próprios territórios e seus direitos de exploração econômica.

Limite: Linha, normalmente balizada por acidentes de terreno facilmente identificáveis, destinada a definir área de responsabilidade e a facilitar a coordenação e o controle dos fogos e da manobra.

Linha de partida: Linha destinada a coordenar a partida de elementos do escalão de ataque.

Linha limite de progressão: Linha balizada por acidentes nítidos do terreno e demarcada tanto em profundidade quanto nos flancos do objetivo, não devendo ser ultrapassada pela força atacante. É utilizada para controlar o avanço do escalão de ataque e evitar que seja atingido pelos fogos de proteção planejados para isolar o objetivo.

Material de emprego militar: Armamento, munição, equipamentos militares e outros materiais ou meios navais, aéreos, terrestres e anfíbios de uso privativo ou característicos das forças armadas e, também, seus sobressalentes e acessórios.

Objetivo: Elemento material específico em relação ao qual se desenvolve o esforço militar numa operação, contribuindo para a obtenção do efeito desejado. Os objetivos podem ser elementos pertencentes tanto a forças amigas como inimigas, e, também, as posições ou áreas geográficas específicas.

Operações de cooperação e coordenação com agências: São operações executadas por elementos do EB em apoio aos órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências. Destinam-se a conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de objetivos ou propósitos convergentes que atendam ao bem comum. Buscam evitar a duplicidade de ações, a dispersão de recursos e a divergência de soluções, levando os envolvidos a atuarem com eficiência, eficácia, efetividade e menores custos.

Operações de garantia da lei e da ordem: Operação militar conduzida pelas Forças Armadas, por decisão do Presidente da República, de forma episódica, em área previamente estabelecida e por tempo limitado, com o propósito de assegurar o pleno funcionamento do estado democrático de direito, da paz social e da ordem pública.

Ordem de batalha: Diretiva pela qual um comandante de força determina a manobra tática a ser executada, organiza os grupamentos e designa-lhes as tarefas no combate.

Organização militar: Denominação genérica atribuída à unidade de tropa, repartição, estabelecimento, navio, base, arsenal ou qualquer outra unidade administrativa, tática ou operativa, das Forças Armadas.

Patrulha: Força de pequeno efetivo, destacada para cumprir missões de reconhecimento, de combate ou da combinação de ambas.

Patrulha de combate: Caracteriza-se pela ação em força de objetivo restrito, destinada a proporcionar segurança às instalações e tropas amigas ou hostilizar, destruir e capturar pessoal, equipamento e instalações inimigas.

Patrulha de reconhecimento: Caracteriza-se pelo propósito de confirmar ou buscar informes sobre o inimigo ou terreno. Normalmente, evita engajar-se com o inimigo, só o fazendo por motivo de sobrevivência.

Princípios de guerra: Preceitos filosóficos decorrentes de estudos de campanhas militares ao longo da história e apresentam variações no espaço e no tempo. São pontos de referência que orientam e subsidiam os chefes militares no planejamento e na condução da guerra sem, no entanto, condicionar suas decisões. O comandante, ao planejar e executar uma campanha ou operação, levará em consideração o que preconizam os princípios, interpretando-os e aplicando-os criteriosamente em face da situação, decidindo quais irá privilegiar, em detrimento de outros.

Reconhecimento em força: Tipo de operação ofensiva com objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.

Reforço: Situação de uma unidade ou elemento que passa temporariamente à subordinação de uma organização militar de constituição fixa, a fim de prestar-lhe determinado apoio.

Região militar: Grande comando territorial e administrativo da Força Terrestre, constituído de um comando e de organizações militares de natureza variável, que desenvolve, na área sob sua jurisdição, suas atividades nos campos do serviço militar, mobilização, equipamento do território, defesa territorial e apoio logístico, além de participar no planejamento e execução das operações relacionadas com a garantia da lei e da ordem.

Reserva: Tropa disponível para servir de reforço durante o combate.

Romper a defesa: Fase do ataque de penetração em que são atingidas ou conquistadas as regiões dos aprofundamentos de primeiro escalão do inimigo, variando, estas, de acordo com o escalão.

Suspender o ataque: interromper temporariamente uma ação de ataque.

Teatro de guerra: Todo o espaço geográfico – terrestre, marítimo e aéreo – que seja ou possa ser diretamente envolvido nas operações militares de uma guerra.

Teatro de operações: Parte do teatro de guerra necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o conseqüente apoio logístico.

Técnicas de entrada: Conjunto de procedimentos adotados para realizar a entrada em cômodos e edificações em segurança.

Técnica de entrada botão: A técnica de entrada em “Botão” utiliza dois homens, um de cada lado da porta. A entrada é feita por um homem de cada vez.

Técnica de entrada em leque: A técnica em “Leque” utiliza cinco homens em um mesmo lado da parede para entrar em um cômodo muito grande. Os ímpares vão para a esquerda, os pares para a direita e o último homem realiza a segurança para a retaguarda.

Técnica de entrada em “simulado 1”: A técnica de entrada em “Simulado 1” utiliza dois homens do mesmo lado da parede, sendo que o primeiro entra ocupando as costas da parede onde se encontrava e o segundo ocupará a parede oposta.

Técnica de entrada em “simulado 2”: A técnica de entrada em “Simulado 2” é semelhante ao “Simulado 1”, sendo que o primeiro ocupa a parede oposta e o segundo as costas da parede onde estava.

Técnica de entrada em “X”: A técnica de entrada em “x” dois homens posicionados, um de cada lado da porta. A entrada é feita quase simultaneamente pelos dois homens. O de menor estatura deverá entrar agachado e o outro de pé. Eles deverão ocupar a parede oposta de onde se encontram.

TTP: Forma como é executada uma atividade, abrangendo toda medida que é adotada por um determinado agente ou grupo de combatente, que é desenvolvida, padrozinada e aplicada.

Zona de ação: Delimitação de área e espaço aéreo correspondente, com a finalidade de atribuir responsabilidades operacionais à determinada Força ou

unidade, em um espaço de manobra adequado e compatível com suas possibilidades.

**APÊNDICE A – TABELA RESUMO DAS DIFERENÇAS ENCONTRADAS ENTRE  
O COMBATE EM ÁREA EDIFICADA EM MONTESE COM A  
ATUAL DOCTRINA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**

<b>FATORES</b>	<b>2ª GUERRA MUNDIAL</b>	<b>DOCTRINA VIGENTE DO EB</b>
Características	- Ênfase na dimensão física do combate.	- Igual prioridade na dimensão física, informacional e humana.
Função de Combate Inteligência	- Obtenção de informações por fontes humanas e imagens.	- Emprego de todas as disciplinas de inteligência para assegurar a compreensão do ambiente operacional através do PITCIC.
Função de Combate Movimento e Manobra	- Operação realizada em duas fases (Conquista da orla anterior e investimento na localidade). - Veículos blindados empregados como reserva ou apoio de fogo. - Emprego de ações incendiárias. - Reserva permanece fora da localidade. - Marcação das ruas perpendiculares como objetivos.	- Operação realizada em três fases (Cercos/isolamento, conquista da orla anterior e investimento). - Emprego do vetor aéreo - Marcação de objetivos no interior da localidade. - Marcação de linhas de controle. - Emprego das Forças Tarefas (FT) com o binômio Fuzileiro-Carro. - Reserva acompanha o 1ª escalão.
Função de Combate Comando e Controle	- Prioridade no emprego de mensageiros.	- Maior consciência situacional com emprego de modernos equipamentos (rádios, repetidoras, GPS, SARP, olho da água, satélites).
Função de Combate Fogos	- Uso indiscriminado da artilharia. - Emprego de munições químicas (Fumígena e incendiária)	- Emprego de munições inteligentes guiadas a laser ou por GPS. - Emprego de fogos não cinéticos com as medidas de ataque

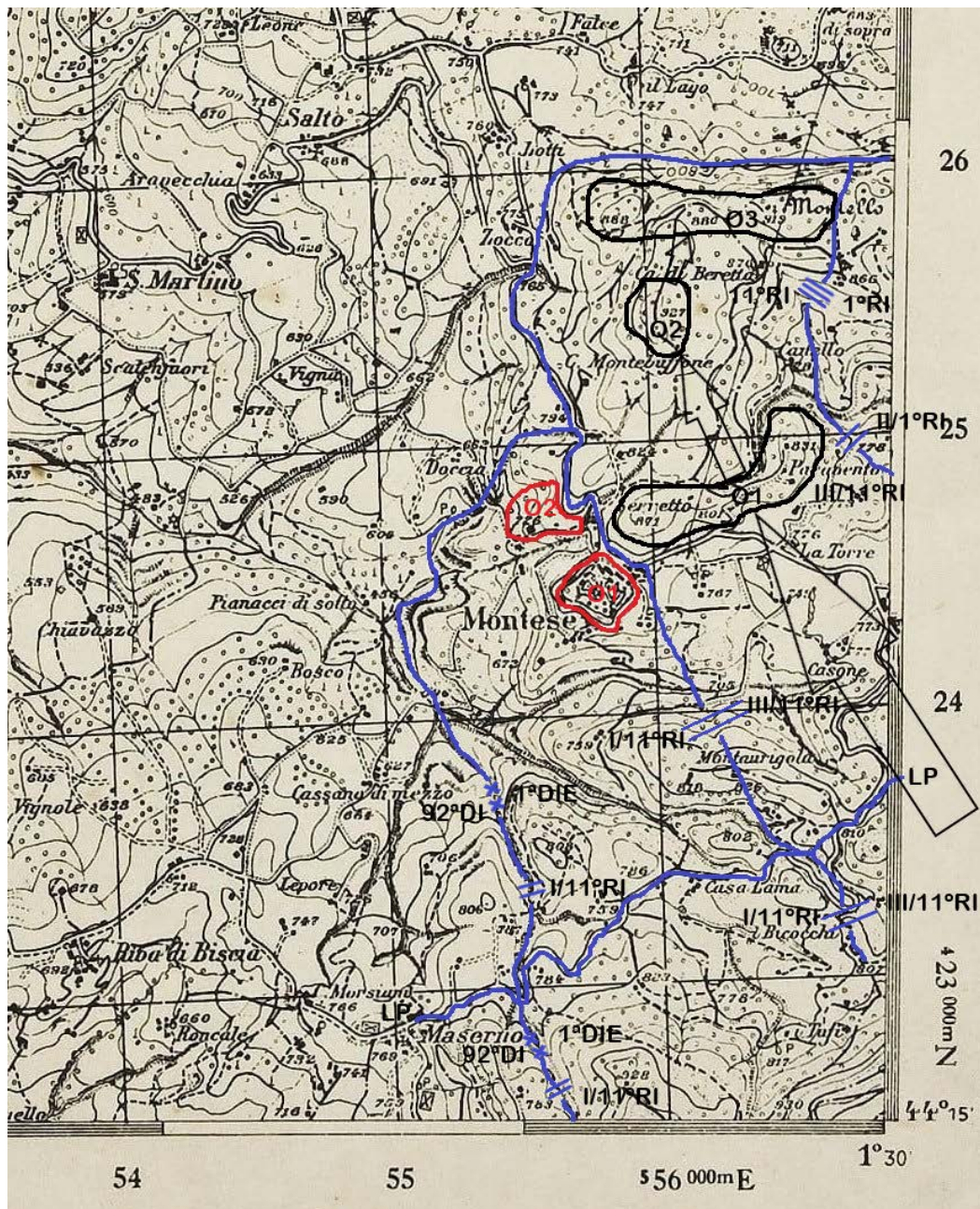
		eletrônico da Guerra Eletrônica. <ul style="list-style-type: none"><li>- Estabelecimento de medidas de coordenação de apoio de fogo restritivas.</li></ul>
Técnicas, Táticas e Procedimentos	<ul style="list-style-type: none"><li>- Previsão de TTP mais simples, com procedimentos menos detalhados.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- TTP mais detalhadas.</li><li>- Aprimoramento nas técnicas de entrada.</li><li>- Aprimoramento nas técnicas de progressão.</li><li>- Desenvolvimento de novas técnicas de observação.</li></ul>



## APÊNDICE B – RESUMO DAS ANÁLISES FEITAS

MOMENTO	ANÁLISE
Mobilização da FEB	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Necessidade de convocação de grande efetivo devido à baixa disponibilidade de especialistas.</li> <li>- Pracinhas provenientes de zonas urbanas com maior capacidade cognitivas e higidez.</li> </ul>
Preparo e Adestramento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Baixo adestramento anterior a Guerra, gerando necessidade de maior tempo de preparo e adestramento.</li> <li>- Poucos materiais americanos disponíveis.</li> <li>- 1ª Fase com ênfase na instrução individual – desenvolvimento de TTP.</li> <li>2ª Fase com ênfase no adestramento da fração – pouco tempo.</li> </ul>
Tomada de Montese	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Objetivo da conquista de Montese era eliminar ameaça no flanco do III/11º RI.</li> <li>- Realização de um isolamento no dia anterior com a ocupação das elevações que dominavam por sul a localidade.</li> <li>- Conquista da orla anterior pelo Ten Iporan possibilitou o investimento e a aproximação dos meios.</li> <li>- O terreno impeditivo impediu o apoio de blindados durante o ataque.</li> <li>- Realização de um investimento seletivo.</li> <li>- Limpeza das casas feita posteriormente com o emprego do Pelotão Especial.</li> </ul>

## ANEXO A – ESQUEMA DE MANOBRA DO 11º RI



Esta carta representa o planejamento da manobra tática do 11º RI, demonstrando o ataque com dois batalhões. À direita do dispositivo, o III/11º RI, realizando o ataque principal, recebeu a missão de conquistar Serreto e Paravento (O1), P Cot 927 (O2) e P Cot 888 e Montelo (O3). Pela esquerda atuaria o I/11º RI, realizando um ataque limitado em sua zona de ação para conquistar Montese (O1) e P Cot 726 (O2). No limite esquerdo do 11º RI, que também era o limite da 1ª DIE, encontrava-se a 92ª DI Americana. Já no limite direito, encontrava-se o II/1ºRI.